

MORTE

1. Temor da morte

Causas do temor da morte

1. O homem, seja qual for a escala de sua posição social, desde selvagem tem o sentimento inato do futuro; diz-lhe a intuição que a morte não é a última fase da existência e que aqueles cuja perda lamentamos não estão irremissivelmente perdidos.

A crença da imortalidade é intuitiva e muito mais generalizada do que a do nada. Entretanto, a maior parte dos que nele crêem apresentam-se-nos possuídos de grande amor às coisas terrenas e temerosos da morte! Por quê?

2. Este temor é um efeito da sabedoria da Providência e uma conseqüência do instinto de conservação comum a todos os viventes. Ele é necessário enquanto não se está suficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso à tendência que, sem esse freio, nos levaria a deixar prematuramente a vida e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao nosso próprio adiantamento.

Assim é que, nos povos primitivos, o futuro é uma vaga intuição, mais tarde tornada simples esperança e, finalmente, uma certeza apenas atenuada por secreto apego à vida corporal.

3. À proporção que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui; uma vez esclarecida a sua missão terrena, aguarda-lhe o fim calma, resignada e serenamente. A certeza da vida futura dá-lhe outro curso às idéias, outro fito ao trabalho; antes dela nada que se não prenda ao presente; depois dela tudo pelo futuro sem desprezo do presente, porque sabe que aquele depende da boa ou da má direção deste.

A certeza de reencontrar seus amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera na Terra, de não perder um só fruto do seu trabalho, de engrandecer-se incessantemente em inteligência, perfeição, dá-lhe paciência para esperar e coragem para suportar as fadigas transitórias da vida terrestre. A solidariedade entre vivos e mortos faz-lhe compreender a que deve existir na Terra, onde a fraternidade e a caridade têm desde então um fim e uma razão de ser, no presente como no futuro.

4. Para libertar-se do temor da morte é mister poder encará-la sob o seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado pelo pensamento no mundo espiritual, fazendo dele uma idéia tão exata quanto possível, o que denota da parte do Espírito encarnado um tal ou qual desenvolvimento e aptidão para desprender-se da matéria.

No Espírito atrasado a vida material prevalece sobre a espiritual. Apegando-se às aparências, o homem não distingue a vida além do corpo, esteja embora na alma a vida real; aniquilado aquele, tudo se lhe afigura perdido, desesperador.

Se, ao contrário, concentrarmos o pensamento, não no corpo, mas na alma, fonte da vida, ser real a tudo sobrevivente, lastimaremos menos a perda do corpo, antes fonte de misérias e dores. Para isso, porém, necessita o Espírito de uma força só adquirível na maturidade.

O temor da morte decorre, portanto, da noção insuficiente da vida futura, embora denote também a necessidade de viver e o receio da destruição total; igualmente o estimula secreto anseio pela sobrevivência da alma, velado ainda pela incerteza.

Esse temor decresce, à proporção que a certeza aumenta, e desaparece quando esta é completa.

Eis aí o lado providencial da questão. Ao homem não suficientemente esclarecido, cuja razão mal pudesse suportar a perspectiva muito positiva e sedutora de um futuro melhor, prudente seria não o

deslumbrar com tal idéia, desde que por ela pudesse negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intelectual.

5. Este estado de coisas é entretido e prolongado por causas puramente humanas, que o progresso fará desaparecer. A primeira é a feição com que se insinua a vida futura, feição que poderia contentar as inteligências pouco desenvolvidas, mas que não conseguiria satisfazer a razão esclarecida dos pensadores refletidos. Assim, dizem estes: "Desde que nos apresentam como verdades absolutas princípios contestados pela lógica e pelos dados positivos da Ciência, é que eles não são verdades.". Daí, a incredulidade de uns e a crença dúbia de um grande número.

A vida futura é-lhes uma idéia vaga, antes uma probabilidade do que certeza absoluta; acreditam, desejariam que assim fosse, mas apesar disso exclamam: "Se todavia assim não for! O presente é positivo, ocupemo-nos dele primeiro, que o futuro por sua vez virá."

E depois, acrescentam, definitivamente que é a alma? Um ponto, um átomo, uma faísca, uma chama? Como se sente, vê ou percebe? É que a alma não lhes parece uma realidade efetiva, mas uma abstração.

Os entes que lhes são caros, reduzidos ao estado de átomos no seu modo de pensar, estão perdidos, e não têm mais a seus olhos as qualidades pelas quais se lhes fizeram amados; não podem compreender o amor de uma faísca nem o que a ela possamos ter. Quanto a si mesmos, ficam mediocrementemente satisfeitos com a perspectiva de se transformarem em mônadas. Justifica-se assim a preferência ao positivismo da vida terrestre, que algo possui de mais substancial.

É considerável o número dos dominados por este pensamento.

6. Outra causa de apego às coisas terrenas, mesmo nos que mais firmemente crêem na vida futura, é a impressão do ensino que relativamente a ela se lhes há dado desde a infância. Convenhamos que o quadro pela religião esboçado, sobre o assunto, é nada sedutor e ainda menos consolatório.

De um lado, contorções de condenados a expiarem em torturas e chamas eternas os erros de uma vida efêmera e passageira. Os séculos sucedem-se aos séculos e não há para tais desgraçados sequer o lenitivo de uma esperança e, o que mais atroz é, não lhes aproveita o arrependimento. De outro lado, as almas combalidas e aflitas do purgatório aguardam a intercessão dos vivos que orarão ou farão orar por elas, sem nada fazerem de esforço próprio para progredirem.

Estas duas categorias compõem a maioria imensa da população de além-túmulo. Acima delas, paira a limitada classe dos eleitos, gozando, por toda a eternidade, da beatitude contemplativa. Esta inutilidade eterna, preferível sem dúvida ao nada, não deixa de ser de uma fastidiosa monotonia. É por isso que se vê, nas figuras que retratam os bem-aventurados, figuras angélicas onde mais transparece o tédio que a verdadeira felicidade.

Este estado não satisfaz nem as aspirações nem a instintiva idéia de progresso, única que se afigura compatível com a felicidade absoluta. Custa crer que, só por haver recebido o batismo, o selvagem ignorante - de senso moral obtuso - , esteja ao mesmo nível do homem que atingiu, após longos anos de trabalho, o mais alto grau de ciência e moralidade práticas. Menos concebível ainda é que a criança falecida em tenra idade, antes de ter consciência de seus atos, goze dos mesmos privilégios somente por força de uma cerimônia na qual a sua vontade não teve parte alguma. Estes raciocínios não deixam de preocupar os mais fervorosos crentes, por pouco que meditem.

7. Não dependendo a felicidade futura do trabalho progressivo na Terra, a facilidade com que se acredita adquirir essa felicidade, por meio de algumas práticas exteriores, e a possibilidade até de a comprar a dinheiro, sem regeneração de caráter e costumes, dão aos gozos do mundo o melhor valor.

Mais de um crente considera, em seu foro íntimo, que assegurado o seu futuro pelo preenchimento de certas fórmulas ou por dádivas póstumas, que de nada o privam, seria supérfluo impor-se sacrifícios ou quaisquer incômodos por outrem, uma vez que se consegue a salvação trabalhando cada qual por si.

Seguramente, nem todos pensam assim, havendo mesmo muitas e honrosas exceções; mas não se poderia contestar que assim pensa o maior número, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a idéia que fazem das condições de felicidade no outro mundo não entretenha o apego aos bens deste, acoroçoando o egoísmo.

8. Acrescentemos ainda a circunstância de tudo nas usanças concorrer para lamentar a perda da vida terrestre e temer a passagem da Terra ao céu. A morte é rodeada de cerimônias lúgubres, mais próprias a infundirem terror do que a provocarem a esperança. Se descrevem a morte, é sempre com aspecto repelente e nunca como sono de transição; todos os seus emblemas lembram a destruição do corpo, mostrando-o hediondo e descarnado; nenhum simboliza a alma desembaraçando-se radiosa dos grilhões terrestres. A partida para esse mundo mais feliz só se faz acompanhar do lamento dos sobreviventes, como se imensa desgraça atingira os que partem; dizem-lhes eternos adeuses como se jamais devessem revê-los. Lastima-se por eles a perda dos gozos mundanos, como se não fossem encontrar maiores gozos no além-túmulo. Que desgraça, dizem, morrer tão jovem, rico e feliz, tendo a perspectiva de um futuro brilhante! A idéia de um futuro melhor apenas toca de leve o pensamento, porque não tem nele raízes. Tudo concorre, assim, para inspirar o terror da morte, em vez de infundir esperança.

Sem dúvida que muito tempo será preciso para o homem se desfazer desses preconceitos, o que não quer dizer que isto não suceda, à medida que a sua fé se for firmando, a ponto de conceber uma idéia mais sensata da vida espiritual.

9. Demais, a crença vulgar coloca as almas em regiões apenas acessíveis ao pensamento, onde se tornam de alguma sorte estranhas aos vivos; a própria Igreja põe entre umas e outras uma barreira insuperável, declarando rotas todas as relações e impossível qualquer comunicação. Se as almas estão no inferno, perdida é toda a esperança de as rever, a menos que lá se vá ter também; se estão entre o eleitos, vivem completamente absortas em contemplativa beatitude. Tudo isso interpõe entre mortos e vivos uma distância tal que faz supor eterna a separação, e é por isso que muitos preferem ter junto de si, embora sofrendo, os entes caros, antes que vê-los partir, ainda mesmo que para o céu.

E a alma que estiver no céu será realmente feliz vendo, por exemplo, arder eternamente seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos?

O Céu e o Inferno – Allan Kardec – 1ª parte – cap. II

Considerações gerais

FUNERAIS

A cerimônia dos funerais e o convencionalismo do velório dificultam, sobremaneira, a nossa cruzada de libertação mental.

O catafalco, o crepe escuro, as velas acesas e os cantos lúgubres, usados pela Igreja que há séculos nos preside a cultura sentimental, imprimem tamanhas características de terror na alma recém-desencarnada, que somente alguns poucos espíritos treinados no conhecimento superior conseguem evitar as deprimentes crises de medo que, em muitos casos, perduram por longo tempo.

Mentiríamos, asseverando que a transição é serviço rotineiro para todos.

Falando a Terra – Abel Gomes

CÉU

Nessa imensidade ilimitada, onde está o Céu? Em toda parte. Nenhum contorno lhe traça limites. Os mundos adiantados são as últimas estações do seu caminho, que as virtudes franqueiam e os vícios

interditam. Ante este quadro grandioso que povoa o Universo, que dá a todas as coisas da Criação um fim e uma razão de ser, quanto é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a Humanidade a um ponto imperceptível do Espaço; que no-la mostra começando em dado instante para acabar igualmente com o mundo que a contém, não abrangendo mais que um minuto na Eternidade!

O Céu e o Inferno – Allan Kardec - 1ª parte – cap. III – item 18

INFERNO

Quase todas as escolas religiosas falam do inferno de penas angustiosas e horríveis, onde os condenados experimentam torturas eternas. São raras, todavia, as que ensinam a verdade da queda consciencial dentro de nós mesmos, esclarecendo que o plano infernal e a expressão diabólica encontram início na esfera interior de nossas próprias almas.

Os Missionários da Luz – André Luiz

O homem, herdeiro presuntivo da Coroa Celeste, é o condutor do próprio homem, dentro de enormes extensões do caminho evolutivo. Entre aquele que já se acerca do anjo e o selvagem que ainda se limita com o irracional, existem milhares de posições, ocupadas pelo raciocínio e pelo sentimento dos mais variados matizes. E, se há uma corrente, brilhante e maravilhosa, de criaturas encarnadas e desencarnadas, que se dirigem para o monte da sublimação, desferindo glorioso cântico de trabalho, imortalidade, beleza e esperança, exaltando a vida, outra corrente existe, escura e infeliz, nas mesmas condições, interessada em descer aos recôncavos das trevas, lançando perturbação, desânimo, desordem e sombra, consagrando a morte. Espíritos incompletos que somos ainda, aderimos aos movimentos que lhes dizem respeito e colhemos os benefícios da ascensão e da vitória ou os prejuízos da descida e da derrota, controlados pelas inteligências mais vigorosas que a nossa e que seguem conosco, lado a lado, na zona progressiva ou deprimente, em que nos colocamos.

O inferno, por isto mesmo, é um problema de direção espiritual.

* * *

A rigor, não temos círculos infernais, de acordo com os figurinos da antiga teologia, onde se mostram indefinidamente gênios satânicos de todas as épocas e, sim, esferas obscuras em que se agregam consciências embotadas na ignorância, cristalizadas no ócio reprovável ou confundidas no eclipse temporário da razão. Desesperadas e insubmissas, criam zonas de tormentos reparadores. Semelhantes criaturas, no entanto, não se regeneram à força de palavras. Necessitam de amparo eficiente que lhes modifique o tom vibratório, elevando-lhes o modo de sentir e pensar.

Libertação – André Luiz

Inferno ou purgatório são estados de espírito em tribulação por faltas graves, ou em vias de penitência regeneradora.

Renúncia - Emmanuel

O inferno, a rigor, pode ser definido como vasto campo de desequilíbrio, estabelecido pela maldade calculada, nascido da cegueira voluntária e da perversidade completa. Aí vivem domiciliados, às vezes por séculos, Espíritos que se bestializaram, fixos que se acham na crueldade e no egocentrismo. Constituindo, porém, larga província vibratória, em conexão com a humanidade terrestre, de vez que todos os padecimentos infernais são criações dela mesma, estes lugares tristes funcionam como crivos necessários para todos os Espíritos que escorregam nas deserções de ordem geral, menosprezando as responsabilidades que o Senhor lhes outorga. Dessa forma, todas as almas já investidas no conhecimento da verdade e da justiça e por isso mesmo responsáveis pela edificação do bem, e que, na Terra, resvalam nesse ou naquele delito, desatentas para com o dever nobilitante que o mundo lhes assinala, depois da morte do corpo estagiam nestes sítios por dias, meses ou anos, reconsiderando as suas atitudes, antes da reencarnação que lhes compete abraçar, para o reajustamento tão breve quanto possível.

Ação e Reação – André Luiz

Considerando-se quão grande é o sofrimento de certos Espíritos culpados no mundo invisível, quanto é terrível a situação de outros, tanto mais penosa pela impotência de preverem o termo desses sofrimentos, poder-se-ia dizer que se acham no inferno, se tal vocábulo não implicasse a idéia de um castigo eterno e material.

Mercê, porém, da revelação dos Espíritos e dos exemplos que nos oferecem, sabemos que o prazo da expiação está subordinado ao melhoramento do culpado.

O Espiritismo não nega, pois, antes confirma, a penalidade futura. O que ele destrói é o inferno localizado com suas fornalhas e penas irremissíveis. Não nega, outrossim, o purgatório, pois prova que nele nos achamos, e definindo-o precisamente, e explicando a causa das misérias terrestres, conduz à crença aqueles mesmos que o negam.

O Céu e o Inferno – Allan Kardec – 1ª parte – cap. V – item 7 e 8

PURGATÓRIO

Seja qual for a duração do castigo, na vida espiritual ou na Terra, onde quer que se verifique, tem sempre um termo, próximo ou remoto. Na realidade não há para o Espírito mais que duas alternativas, a saber: - Punição temporária e proporcional à culpa, e recompensa graduada segundo o mérito. Repele o Espiritismo a terceira alternativa, da eterna condenação. O inferno reduz-se a figura simbólica dos maiores sofrimentos cujo termo é desconhecido. O purgatório, sim, é a realidade.

A palavra purgatório sugere a idéia de um lugar circunscrito: eis por que mais naturalmente se aplica à Terra do que ao Espaço infinito onde erram os Espíritos sofredores, e tanto mais quanto a natureza da expiação terrena tem os caracteres da verdadeira expiação.

O Céu e o Inferno – Allan Kardec – 1ª parte, cap. V – item 9

Purgatório! Purgatório!... Todos nós, consciências endividadas, estamos nele.

O remédio, porém, é o caminho da cura.

Ajuda aos semelhantes para que os semelhantes te ajudem.

Aqueles que nos rodeiam são hoje os grandes necessitados. Amanhã, contudo, é possível que os grandes necessitados sejamos nós.

Justiça Divina – Chico Xavier/Emmanuel – pág. 136

IGNORÂNCIA CATÓLICA

Eu por mim, católico militante que fui, sempre aguardei o sossego beatífico depois da morte. - Vim com todos os sacramentos e passaportes da política religiosa, passados em solenes exéquias. Creio, todavia, que o serviço diplomático de minha igreja não está bem atendido no céu. Não trouxe bastante documentação que me garantisse paz na transferência. Em vão, reclamei direitos que ninguém conhecia e supliquei bênçãos indébitas. Em face do desconhecimento aqui predominante a meu respeito, regresssei ao meu velho templo, onde ninguém me identificou. Desesperado, então, mergulhei-me por longos anos em dolorosa cegueira espiritual. E, francamente, rememorando fatos, rio-me, ainda hoje, da confiança ingênua com que cerrei os olhos no lar, pela última vez. O padre Gustavo prometia-me a convivência dos anjos e asseverava-me que eu seria levado em triunfo aos pés do Senhor, e isso apenas porque legara cinco contos de réis à nossa antiga paróquia. Meus familiares acompanhavam, em pranto, nosso diálogo final, em que minha palavra sufocada comparecia, em monossílabos, de longe em longe, na extrema hora do corpo. No entanto, se era quase impossível para mim o comentário inteligente da situação, o pároco falava por nós ambos, explanando a felicidade que me caberia no Reino de Deus. Médico de curta jornada, mas de intensa observação, a moléstia não me enganou, mas, inexperiente nos assuntos da alma, confundiram-me

plenamente as promessas religiosas. Penetrando o portão do sepulcro e não me sentindo na corte dos santos, voltei, copiando perigosas atitudes dos sonâmbulos, para interpelar o sacerdote que me encomendara o cadáver às anotações celestes. Incompreendido e cego, peregrinei por muito tempo, entre a aflição e a demência, nas criações mentais enganadoras que trouxera do mundo físico.

Obreiros da Vida Eterna – André Luiz

Por que não devemos temer a morte

A Doutrina Espírita transforma completamente a perspectiva do futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser realidade. O estado das almas depois da morte não é mais um sistema, porém o resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos na plenitude de sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever a sua situação; aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça, assistindo, enfim, a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Eis por que os espíritos encaram a morte calmamente e se revestem de serenidade nos seus últimos momentos sobre a Terra. Já não é só a esperança, mas a certeza que os conforta; sabem que a vida futura é a continuação da vida terrena em melhores condições e aguardam-na com a mesma confiança com que aguardariam o despontar do Sol após uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança decorrem, outrossim, dos fatos testemunhados e da concordância desses fatos com a lógica, com a justiça e bondade de Deus, correspondendo às íntimas aspirações da Humanidade.

Para os espíritos, a alma não é uma abstração; ela tem um corpo etéreo que a define ao pensamento, o que muito é para fixar as idéias sobre a sua individualidade, aptidões e percepções. A lembrança dos que nos são caros repousa sobre alguma coisa de real. Não se nos apresentam mais como chamas fugitivas que nada falam ao pensamento, porém sob uma forma concreta que antes no-los mostra como seres viventes. Além disso, em vez de perdidos nas profundezas do Espaço, estão ao redor de nós; o mundo corporal e o mundo espiritual identificam-se em perpétuas relações, assistindo-se mutuamente.

Não mais permissível sendo a dúvida sobre o futuro, desaparece o temor da morte; encara-se a sua aproximação a sangue frio, como quem aguarda a libertação pela porta da vida e não do nada.

O Céu e o Inferno – Allan Kardec – 1ª parte – cap. II – item 10

ESCLARECIMENTOS DE EMMANUEL

Toda religião procura confortar os homens, ante a esfinge da morte.

A Doutrina Espírita não apenas consola, mas também alumia o raciocínio dos que indagam e choram na grande separação.

* * *

Toda religião admite a sobrevivência.

A Doutrina Espírita não apenas patenteia a imortalidade da vida, mas também demonstra o continuísmo da evolução do ser, em esferas diferentes da Terra.

* * *

Toda religião afirma que o mal será punido, para lá do sepulcro.

A Doutrina Espírita não apenas informa que todo delito exige resgate, mas também destaca que o inferno é o remorso, na consciência culpada, cujo sofrimento cessa com a necessária e justa reparação.

* * *

Toda religião ensina que a alma será expurgada de todo o erro, em regiões inferiores.

A Doutrina Espírita não apenas explica que a alma, depois da morte, se vê mergulhada nos resultados das próprias ações infelizes, mas também esclarece que, na maioria dos casos, a estação terminal do purgatório é mesmo a Terra, onde reencontramos as conseqüências de nossas faltas, a fim de extingui-las, através da reencarnação.

* * *

Toda religião fala do céu, como sendo estância de alegria perene.

A Doutrina Espírita não apenas mostra que o céu existe, por felicidade suprema no espírito que sublimou a si mesmo, mas também elucida que os heróis da virtude não se imobilizam em paraísos estanques, e que, por mais elevados, na hierarquia moral, voltam a socorrer os irmãos da Humanidade ainda situados na sombra.

* * *

Toda religião encarece o amparo da Providência Divina às almas necessitadas.

A Doutrina Espírita não apenas confirma que o amor infinito de Deus abraça todas as criaturas, mas também adverte que todos receberemos, individualmente, aqui ou além, de acordo com as nossas próprias obras.

* * *

Os espíritos, pois, realmente não podem temer a morte que lhes sobrevém, na pauta dos desígnios superiores.

Para todos eles, a desencarnação em atendimento às ordenações da Vida Maior é o termo de mais um dia de trabalho santificante, para que se ponham, de novo, a caminho do alvorecer.

Justiça Divina – Emmanuel – pág. 145

- O receio da morte revela falta de evolução espiritual?
- Nesse sentido, não podemos generalizar semelhante definição.

No que se refere a esses receios, somos obrigados a reconhecer, muitas vezes, as razões aduzidas pelo amor, sempre sublimes na sua manifestação espiritual. Todavia, não é justo que o crente sincero se encha de pavores ante a idéia de sua passagem para o plano invisível aos olhos humanos, sendo oportuno o conselho de uma preparação permanente do homem para a vida nova que a morte lhe apresentará.

O Consolador – Emmanuel – pág. 97

ENTREVISTA COM CHICO XAVIER

- E o que um homem como Chico Xavier pensa da morte? Ele teria medo de morrer?

- Morrer em si não dá medo. Geralmente sentimos na posição de quem entende o processo de desencarnação. Mas na maioria das vezes, nós, segundo informações dos Amigos Espirituais, não chegamos a sentir a presença da morte, porque eles nos dizem, que todos os dias nós fazemos o exercício da morte através do sono, e da ressurreição pela manhã quando despertamos e levantamos o nosso corpo.

Entender Conversando – Chico Xavier/Emmanuel – pág. 82

Carta de Humberto de Campos

TREINO PARA A MORTE

Preocupado com a sobrevivência além do túmulo, você pergunta, espantado, como deveria ser levado a efeito o treinamento de um homem para as surpresas da morte.

A indagação é curiosa e realmente dá que pensar.

Creia, contudo, que, por enquanto, não é muito fácil preparar tecnicamente um companheiro à frente da peregrinação infalível.

Os turistas que procedem da Ásia ou da Europa habilitam futuros viajantes com eficiência, por lhes não faltarem os termos analógicos necessários. Mas nós, os desencarnados, esbarramos com obstáculos quase intransponíveis.

A rigor, a Religião deve orientar as realizações do espírito, assim como a Ciência dirige todos os assuntos pertinentes à vida material. Entretanto, a Religião, até certo ponto, permanece jungida ao superficialismo do sacerdócio, sem tocar a profundidade da alma.

Importa considerar também que a sua consulta, ao invés de ser encaminhada a grandes teólogos da Terra, hoje domiciliados na Espiritualidade, foi endereçada justamente a mim, pobre noticiarista sem méritos para tratar de semelhante inquirição.

Pode acreditar que não obstante achar-me aqui de novo, há quase vinte anos de contado, sinto-me ainda no assombro de um xavante, repentinamente trazido da selva mato-grossense para alguma de nossas Universidades, com a obrigação de filiar-se, de inopino, aos mais elevados estudos e às mais complicadas disciplinas.

Em razão disso, não posso reportar-me senão ao meu próprio ponto de vista, com as deficiências do selvagem surpreendido junto à coroa da Civilização.

Preliminarmente, admito deva referir-me aos nossos antigos maus hábitos. A cristalização deles, aqui, é uma praga tiranizante.

Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamóios e os caiapós, que se devoravam uns aos outros.

Os excitantes largamente ingeridos constituem outra perigosa obsessão. Tenho visto muitas almas de origem aparentemente primorosa, dispostas a trocar o próprio Céu pelo uísque aristocrático ou pela nossa cachaça brasileira.

Tanto quanto lhe seja possível, evite os abusos do fumo. Infunde pena a angústia dos desencarnados amantes da nicotina.

Não se renda à tentação dos narcóticos. Por mais aflitivas lhe pareçam as crises do estágio no corpo, agüente firme os golpes da luta. As vítimas da cocaína, da morfina e dos barbitúricos demoram-se largo tempo na cela escura da sede e da inércia.

E o sexo? Guarde muito cuidado na preservação do seu equilíbrio emotivo. Temos aqui muita gente boa carregando consigo o inferno rotulado de amor.

Se você possui algum dinheiro ou detém alguma posse terrestre, não adie doações, caso esteja realmente inclinado a fazê-las. Grandes homens, que admirávamos no mundo pela habilidade e poder com que concretizavam importantes negócios, aparecem, junto de nós, em muitas ocasiões, à maneira de crianças desesperadas por não mais conseguirem manobrar os talões de cheque.

Em família, observe cautela com testamentos. As doenças fulminatórias chegam de assalto, e, se a sua papelada não estiver em ordem, você padecerá muitas humilhações, através de tribunais e cartórios.

Sobretudo, não se apegue demasiado aos laços consangüíneos. Ame sua esposa, seus filhos e seus parentes com moderação, na certeza de que, um dia, você estará ausente deles e de que, por isso mesmo, agirão quase sempre em desacordo com a sua vontade, embora lhe respeitem a memória. Não se esqueça de que, no estado presente da educação terrestre, se alguns afeiçoados lhe registrarem a presença extraterrena, depois dos funerais, na certa intimá-lo-ão a descer aos infernos, receando-lhe a volta inoportuna.

Se você já possui o tesouro de uma fé religiosa, viva de acordo com os preceitos que abraça. É horrível a responsabilidade moral de quem já conhece o caminho, sem equilibrar-se dentro dele.

Faça o bem que puder, sem a preocupação de satisfazer a todos. Convença-se de que se você não experimenta simpatia por determinadas criaturas, há muita gente que suporta você com muito esforço.

Por essa razão, em qualquer circunstância, conserve o seu nobre sorriso.

Trabalhe sempre, trabalhe sem cessar.

O serviço é o melhor dissolvente de nossas mágoas.

Ajude-se, através do leal cumprimento de seus deveres.

Quanto ao mais, não se canse nem indague em excesso, porque, com mais tempo ou menos tempo, a morte lhe oferecerá o seu cartão de visita, impondo-lhe ao conhecimento tudo aquilo que, por agora, não lhe posso dizer.

Cartas e Crônicas – Humberto de Campos – pág. 21

A morte da forma não santifica o ser que a habitou! Se o raio de sol não se contamina ao contato do pântano, também o doente rebelde é o mesmo enfermo se apenas troca de residência. O corpo físico representa apenas o vaso em uso, durante algum tempo, e o vaso quebrado não significa redenção ou elevação do seu temporário possuidor.

Missionários da Luz – André Luiz

Não basta crer na imortalidade da alma. Inadiável é a iluminação de nós mesmos, a fim de que sejamos claridade sublime.

No Mundo Maior – André Luiz

2. Perante a morte

“A crise da morte” - Ernesto Bozzano - 10º caso

Tomou-o à revista Light (1927, pag. 230). O diretor dessa revista, Sr. David Gow, precedeu a narrativa deste caso de uma breve nota, donde extraio os períodos seguintes:

Os trechos, que se vão ler, de mensagens mediúnicas, foram tirados de um longo relatório que nos enviou um ministro anglicano da Nova Escócia. O Espírito comunicante foi, ao que parece, conhecida personagem americana, que ocupou, quando na Terra, alto cargo municipal. O médium, de cujo nome se nos deu conhecimento, é uma senhora distinta, muito conhecida, igualmente, pela elevação de seu caráter e pela excelência de suas faculdades mediúnicas.

O ESPÍRITO COMEÇOU ASSIM:

Desejo principiar a minha narrativa, do dia em que deixei o corpo material no meu quarto de Blankville. Via quão grande era a dor que despedaçava a alma de meus filhos e muito me afligia o achar-me impossibilitado de lhes dirigir a palavra.

De súbito, verifiquei que em mim uma mudança se operava, que eu não compreendia bem. Fui preso de estranha sensação que, conquanto inteiramente nova para mim, era um tanto análoga à que uma pessoa experimenta quando desperta repentinamente de profundo sono. No primeiro momento, nada compreendi, dada a situação em que me encontrava. Pouco a pouco, porém, fui percebendo o meio que me cercava, como sucede aí quando a gente desperta do sono. Vi-me estendido, calmo e imóvel, no meu leito, circunstância que me encheu de espanto, longe que estava de supor que morrera. Após algum tempo, cada vez mais desperto, percebi que minha defunta mulher se achava ao meu lado, a me sorrir, com uma expressão radiante de ventura. Esse nosso encontro se dava depois de longa separação. Foi ela quem me

comunicou a terrificante notícia de que eu estava morto e me encontrava também no meio espiritual. Disse-me que, desde muitos dias, velava à cabeceira do meu leito, aguardando o momento de acolher o meu espírito e de o conduzir à morada celeste.

Sentia-me de mais em mais revigorado por uma vitalidade nova, como se todas as minhas faculdades entrassem num período de atividade grande, após o prolongado torpor em que me achara... Era a sensação de uma beatitude difícil de descrever-se... Afigurava-se-me que me tornara parte integrante do meio que me rodeava. Minha mulher me tomou então pelas mãos e, assim unidos, nos elevamos através do teto do quarto, subindo para o alto, sempre mais alto, pelo espaço em fora. Entretanto, se bem já me houvesse afastado muito do meio terrestre, continuava a ter conhecimento do que ocorria em minha casa. Via minha filha acabrunhada de dor. Esse estado da alma parecia deslizar como uma nuvem escura, entre ela e mim; insinuava-se no meu ser, produzindo nele um sentimento penoso de torpor. Desejo saibam as crises excessivas de dor, junto dos leitos mortuários, constituem imensa barreira interposta entre os vivos, que delas se deixam tomar, e o Espírito do defunto por quem eles choram. Trata-se de uma barreira real e intransponível, que nos não permite entrar em comunicação com os que se desesperam pela nossa morte. Mais ainda: as exageradas crises de dor retêm presos ao meio terrestre os Espíritos desencarnados, retardando-lhes a entrada no mundo espiritual.

De fato, se é certo que, com a morte, cessam necessariamente todas as relações entre os Espíritos desencarnados e o organismo físico dos vivos, em compensação os Espíritos dos defuntos se tornam extremamente sensíveis às vibrações dos pensamentos das pessoas que lhes são caras. Concito, pois, os vivos que percam alguns de seus parentes - qualquer que possa ser a importância da perda e da dor correspondente - a que, a todo custo, se mostrem fortes, abafando toda manifestação de mágoa e apresentando-se de aspecto calmo nos funerais. Comportando-se assim, determinarão considerável melhoria na atmosfera que os cerca, porquanto a aparência de serenidade nos corações e nos semblantes das pessoas que nos são caras emite vibrações luminosas que nos atraem, como, à noite, a luz atrai a borboleta. Por outro lado, a mágoa dá lugar a vibrações sombrias e prejudiciais a nós outros, vibrações que tomam o aspecto de tenebrosa nuvem a envolver aqueles a quem amamos. Não duvideis de que somos muito sensíveis às impressões vibratórias que nos chegam, por efeito da dor dos que nos são caros. Nossos "corpos etéreos" estão, efetivamente, sintonizados por uma escala vibratória muito alta, que nada tem de comum com a escala vibratória dos "corpos carnis"...

Logo que cheguei ao meio espiritual, tive a sensação de estar em minha casa. Parentes, amigos, conhecidos vieram todos receber-me; todos se congratulavam comigo, por haver, afinal, chegado ao porto. Era, pois, natural que fizessem nascer em mim a impressão de estar em minha casa. Para me adaptar ao novo meio, menos tempo me foi preciso, do que me seria na Terra, para me adaptar a uma mudança de residência...

COMENTÁRIO DE ERNESTO BOZZANO

Como se vê, nestas passagens da narrativa que a Light publicou, encontram-se as habituais concordâncias, a propósito de o defunto perceber o seu próprio cadáver no leito de morte; de não saber que morrera; de ver-se com a forma humana; de ser acolhido por sua mulher defunta e por grande número de outros Espíritos, que ele conhecera e estimara quando vivo.

Falta, no entanto, qualquer alusão à frase do "sono reparador", por que passam os espíritos, pouco tempo depois da morte.

Tampouco se alude ali a outro fato, tão freqüente nas mensagens com que aqui nos ocupamos, o da "visão panorâmica", que tem o morto, de todos os acontecimentos de sua vida. Noto-o apenas incidentalmente, porquanto, do ponto de vista teórico, a omissão nenhuma importância apresenta. Primeiramente, os defuntos que se manifestam não estão forçosamente obrigados a dar uma descrição completa das circunstâncias em que se encontram no momento da morte. Depois, ninguém afirma que os Espíritos devam todos passar pelas mesmas experiências. Finalmente, a publicação da Light não é mais do que uma reprodução fragmentária das mensagens do Espírito que se comunicou; o diretor da revista em questão fez mesmo saber a seus leitores que, "por motivo de carência de espaço, suprimira a maior parte das informações, já muito conhecidas dos espíritos". É, portanto, provável que entre as informações suprimidas se achem as de que acabamos de falar.

Outro ponto interessante da mensagem que se vem de ler é o em que o Espírito diz que a dor exagerada dos vivos, junto dos leitos mortuários de pessoas que lhes eram caras, constitui obstáculo intransponível, que impede o morto de entrar em relações psíquicas com os seus, acrescentando que, por outro lado, o estado da alma dos vivos exerce influência deplorável sobre as condições espirituais em que se encontra o Espírito recém-desencarnado. Estas afirmações adquirem importância pelo fato de que muitos outros Espíritos têm afirmado exatamente a mesma coisa. Somos deste modo levados a refletir seriamente sobre a advertência que nos chega de além-túmulo, sobretudo se considerarmos que as afirmações desses Espíritos são perfeitamente acordes com as conclusões dos sábios, segundo as quais tudo o que existe e se manifesta no universo físico e psíquico pode reduzir-se, em última análise, a um fenômeno de "vibrações". Sendo assim, ter-se-á que convir em que é muito verossímil, inevitável mesmo, que as vibrações inerentes a um estado da alma de grande dor sejam penosas para um Espírito que há pouco se libertou do corpo carnal e o impeçam de entrar em relação psíquica com os seus, retendo-o no meio terrestre, enquanto essas vibrações persistirem.

Mortes prematuras

As mortes prematuras são verdadeiras tragédias para quantos se não abeberaram, ainda, nos regatos de luz e consolação da Doutrina dos Espíritos.

O corpo inerte de uma criança, ou de um jovem na plenitude da resistência, da vitalidade física, encarnando todo um mundo de esperanças e alegrias para a família, arranca compreensíveis lágrimas e expressões de inconsciente revolta contra tudo e contra todos, às vezes até contra a suprema Bondade.

O instante é de dor. E a dor, gerando sofrimento. E o sofrimento, gerando desequilíbrio.

O mesmo desapontamento verifica-se, bem o sabemos, com relação aos chamados natimortos, isto é, os que nascem já sem vida.

Allan Kardec recolheu, dos Espíritos, a afirmativa de que as mortes prematuras, também não raro, constituem "provação ou expiação para os pais".

Emmanuel, com a nobre sensibilidade que lhe assinala o modo de ser, onde formoso coração se conjuga a lúcida inteligência, considera que "nenhum sofrimento, na Terra, será talvez comparável ao daquele coração que se debruça sobre outro coração regelado e querido que o ataúde transporta para o grande silêncio".

O apontamento do respeitável Instrutor, em consonância com a assertiva das Entidades Codificadoras, é no sentido de que se reprima, em tais ocasiões, o desespero.

Que se dilua a corrente de mágoa "na fonte viva da oração, porque os chamados mortos são apenas ausentes..."

Que se não transforme a desencarnação libertadora em catástrofe de aniquilamento para os que ficam e vexame para os que partem...

E, em frase admirável, que mais parece um poema, conclui que o Divino Mestre, inspirador de sua obra de universalização do Evangelho, "expirou na cruz, em tarde pardacenta, sobre um monte empedrado, mas ressuscitou aos cânticos da manhã, no fulgor de um jardim".

O conhecimento do Espiritismo e o esforço de sua aplicação na vida prática funcionam à maneira de refrigério para os que se lhe agregaram às hostes de luz e entendimento, para a renovação no trabalho.

Nos escaninhos de uma desencarnação prematura, acende-se, ou deveria acender-se, sempre, a chama das grandes e fundamentais transformações espirituais para os pais daqueles que partem na primavera da existência física, caracterizando-se, esse decesso, por abençoada pedra de toque para que a criatura desperte na direção de objetivos mais altos.

Seres que nunca se haviam interessado pelo lado superior da vida acordam, ao impacto da dor e da saudade, iniciando a aquisição de valores morais e espirituais.

Vidas de rotina, no come, dorme, procria e trabalho de cada dia, se modificam para melhor, porque, quase sempre, ao contato com a alma do pequenino ser, através da bênção do intercâmbio "Espaço-Terra", no sonho ou na mediunidade, corações antes insensibilizados abrem-se para a caridade e a compreensão, o entendimento e o amor, como flores que desabrocham, embelezando e perfumando a natureza, começando, assim, os alicerces de obras de benemerência que se agigantam no volume e na substancialidade.

Promessas risonhas, misturando-se às gotas cristalinas do pranto saudoso, convertem-se em esplêndidas realidades que o tempo, nosso grande benfeitor, encarrega-se de sedimentar.

Os objetivos das mortes prematuras variam sempre. No entanto, jamais desarmonizam-se com os desígnios divinos, que orientam e amparam os melhores interesses evolutivos das almas.

Algumas vezes, constituem, elas, provação ou expiação para aqueles que, por efeito de sérios delitos, de funestas conseqüências para o destino de outrem, não souberam valorizar, noutras experiências reencarnatórias, os patrimônios da maternidade ou da paternidade.

Importante, no entanto, entendermos que tais ocorrências entrosam-se, perfeitamente, com as próprias necessidades do Espírito que sofre o desligamento prematuro e dos que lhe constituem o vínculo consanguíneo, isto porque, sábias e equânimes são as Leis Divinas.

As leis do Senhor jamais se equivocam. São imutáveis. Não se desgastam, nem se alteram sob o imperativo das circunstâncias, conforme se verifica com as leis humanas, que refletem, naturalmente, as condições de uma e outra épocas.

Nós, os encarnados, ainda condicionados às perspectivas terrestres - verdadeiros amblíopes espirituais - , é que lhes não compreendemos o mecanismo, nem os processos de reajustamento de que se revestem, nem a terapêutica que trazem para nossas almas.

A desencarnação prematura, na flor da idade, pode ser o complemento de existência interrompida antes do tempo, por este ou aquele motivo.

Os que, no pretérito, recorreram ao suicídio, direto ou indireto, em qualquer de suas modalidades, recebem, na morte apressada, a oportunidade do acerto redentor.

Acima de tudo e de todos, vige a altanaria das Leis de Deus, compassivas e generosas, sábias e justas, agindo em favor do aperfeiçoamento, do progresso e da felicidade do Espírito que vem do "ontem", impregnado de erros e crimes, em marcha para o "amanhã", no esforço aprimoratório.

A lei de Causa e Efeito é infalível, embora misericordiosa em suas atenuantes, conforme ao ensino de que "o amor cobre a multidão de pecados".

Nela, com ela e por meio dela encontraremos, na Terra e na Espiritualidade, acontecimentos relacionados, em conexão magnífica, com méritos e deméritos, créditos e débitos espirituais, expressando, invariavelmente, a mecânica da Justiça Divina.

Quando Allan Kardec perguntou aos espíritos "que utilidade encontrará um Espírito na sua encarnação em um corpo que morre poucos dias depois de nascido", responderam eles: "O ser não tem consciência plena da sua existência. Assim, a importância da morte é quase nenhuma. Conforme já dissemos, o que há nesses casos de morte prematura é uma prova para os pais."

Esse gênero de morte, especialmente na fase da gestação, com o reencarnante enclausurado, ainda, no seio daquela que lhe seria mãe carinhosa, pode ser debitado, algumas vezes, a outras causas, tal como emissões mentais desequilibradas, que atingem, fatalmente, o organismo em formação.

Pensamentos infelizes envenenam o leite materno, comprometendo a estabilidade orgânica da criança e o equilíbrio do Espírito reencarnante.

Projeção de raios magnéticos destruidores, originados de rixas e conflitos no lar, de acentuada gravidade, influenciam, igualmente, de maneira perigosa, o corpo em preparo, podendo imobilizá-lo ou cadaverizá-lo, antes do nascimento.

Vibrações pesadas, fluidos grosseiros, podem arruinar a saúde, deles podendo resultar a desencarnação ou a entrega ao mundo, à sociedade, de indivíduos nervosos, assustados.

Deficiências materiais, orgânicas, respondem, também, por mortes prematuras, segundo os ensinamentos da Codificação: "Dão-lhes causa, as mais das vezes, as imperfeições da matéria." Matéria, neste apontamento, é corpo físico.

O conhecimento doutrinário e evangélico e a harmonia interior preservam os lares de tais inconvenientes.

O estudioso do Espiritismo, sem que lhe queiramos extinguir a capacidade de sensibilização, o que seria contrário à própria essência da doutrina dos Espíritos, é observador conscientizado, na grande transição, aceitando a mudança de plano, no instante e nas condições em que vier, por imperativo natural da vida, a assinalar, nas anotações do Mundo da Verdade, o avanço da alma no rumo do aperfeiçoamento.

Ante aqueles que demandam a vida na Espiritualidade, o comportamento do Espírita é algo diferente, ou, pelo menos, deve ser diferente, variando, contudo, de pessoa a pessoa, com prevalência, evidentemente, de fatores ligados à fé e à emotividade.

Chora, discreto, mas se fortalece na oração.

Na certeza da Imortalidade Gloriosa, reprime o pranto que desliza na fisionomia sofrida, porém busca na Esperança, uma das virtudes evangélicas, o bálsamo para a saúde justa.

Jamais se confia ao desespero.

O Pensamento de Emmanuel – Martins Peralva – pág. 73

PERDA DE PESSOAS AMADAS - MORTES PREMATURAS

Quando a morte ceifa nas vossas famílias, arrebatando, sem restrições, os mais moços antes dos velhos, costumais dizer: Deus não é justo, pois sacrifica um que está forte e tem grande futuro e conserva os que já viveram longos anos cheios de decepções; pois leva os que são úteis e deixa os que para nada mais servem; pois despedaça o coração de uma mãe, privando-a da inocente criatura que era toda a sua alegria.

Humanos, é nesse ponto que precisais elevar-vos acima do terra-a-terra da vida, para compreenderdes que o bem, muitas vezes, está onde julgais ver o mal, a sábia providência onde pensais divisar a cega fatalidade do destino. Por que haveis de avaliar a justiça divina pela vossa? Podeis supor que o Senhor dos mundos se aplique, por mero capricho, a vos infligir penas cruéis? Nada se faz sem um fim inteligente e, seja o que for que aconteça, tudo tem a sua razão de ser. Se perscrutásseis melhor todas as dores que vos advêm, nelas encontraríeis sempre a razão divina, razão regeneradora, e os vossos miseráveis interesses se tornariam de tão secundária consideração, que os atiraríeis para o último plano.

Crede-me, a morte é preferível, numa encarnação de vinte anos, a esses vergonhosos desregramentos que pungem famílias respeitáveis, dilaceram corações de mães e fazem que antes do tempo embranqueçam os cabelos dos pais. Frequentemente, a morte prematura é um grande benefício que Deus concede àquele que se vai e que assim se preserva das misérias da vida, ou das seduções que talvez lhe acarretassem a perda. Não é vítima da fatalidade aquele que morre na flor dos anos; é que Deus julga não convir que ele permaneça por mais tempo na Terra.

E uma horrenda desgraça, dizeis, ver cortado o fio de uma vida tão preta de esperanças! De que esperanças falais? Das da Terra, onde o liberto houvera podido brilhar, abrir caminho e enriquecer? Sempre essa visão estreita, incapaz de elevar-se acima da matéria. Sabeis qual teria sido a sorte dessa vida, ao vosso parecer tão cheia de esperanças? Quem vos diz que ela não seria saturada de amarguras? Desdenhais então das esperanças da vida futura, ao ponto de lhe preferirdes as da vida efêmera que arrastais na Terra? Supondes então que mais vale uma posição elevada entre os homens, do que entre os Espíritos bem-aventurados?

Em vez de vos queixardes, regozijai-vos quando praz a Deus retirar deste vale de misérias um de seus filhos. Não será egoístico desejardes que ele aí continuasse para sofrer convosco? Ah! Essa dor se concebe naquele que carece de fé e que vê na morte uma separação eterna. Vós, espíritas, porém, sabeis que a alma vive melhor quando desembaraçada do seu invólucro corpóreo. Mães, sabeis que vossos filhos bem-amados estão perto de vós; sim, estão muito perto; seus corpos fluidicos vos envolvem, seus pensamentos vos protegem, a lembrança que deles guardais os transporta de alegria, mas também as

vossas dores desarrazoadas os afligem, porque denotam falta de fé e exprimem uma revolta contra a vontade de Deus.

Vós, que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações do vosso coração a chamar esses entes bem-amados e, se pedirdes a Deus que os abençoe, em vós sentireis fortes consolações, dessas que secam as lágrimas; sentireis aspirações grandiosas que vos mostrarão o porvir que o soberano Senhor prometeu. (Sanson, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris 1863)

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. V – item 21

FINALIDADE DO LAR DE CRIANÇAS NO PLANO ESPIRITUAL

(...) Quando o Espírito já alcançou elevada classe evolutiva, assumindo o comando mental de si mesmo, adquire o poder de facilmente desprender-se das imposições da forma, superando as dificuldades da desencarnação prematura. Conhecemos grandes almas que renasceram na Terra por brevíssimo prazo, simplesmente com o objetivo de acordar corações queridos para a aquisição de valores morais, recobrando, logo após o serviço levado a efeito, a respectiva apresentação que lhes era costumeira. Contudo, para a grande maioria das crianças que desencarnam, o caminho não é o mesmo. Almas ainda encarceradas no automatismo inconsciente, acham-se relativamente longe do autogoverno. Jazem conduzidas pela Natureza, a maneira das criancinhas no colo materno. Não sabem desatar os laços que os aprisionam aos rígidos princípios que orientam o mundo das formas e, por isso, exigem tempo para se renovarem no justo desenvolvimento. É por esse motivo que não podemos prescindir dos períodos de recuperação para quem se afasta do veículo físico, na fase infantil, de vez que, depois do conflito biológico da reencarnação ou da desencarnação para quantos se acham nos primeiros degraus da conquista de poder mental, o tempo deve funcionar como elemento indispensável de restauração. E a variação desse tempo dependerá da aplicação pessoal do aprendiz à aquisição de luz interior, através do próprio aperfeiçoamento moral.

Entre a Terra e o Céu – André Luiz – cap. IX a XI

ESCLARECIMENTOS DE EMMANUEL

Apesar da "velhice do mundo" e da não menor "velhice das religiões", sob o ponto de vista da cronologia, muito pouca gente acostumou-se com a separação dos entes queridos, em consequência da morte, ou desencarnação.

A dor de quem fica é, bem o sabemos, motivada pela falsa e errônea idéia de que a morte seja o fim, separando, para todo o sempre, irreparavelmente, os que partem dos que ficam na ribalta do mundo.

É bem verdade que as religiões orientais apontaram sempre a morte por simples fenômeno de separação da alma do corpo, com a continuidade, por aquela, em lugares de gozo ou sofrimento, de sua vida.

Nem por isso, porém, tais mensagens de imortalidade ressoaram, positiva e beneficentemente, na inteligência humana. Apesar de todos os preceitos imortalistas das religiões que precederam a Doutrina dos Espíritos, a perda dos entes amados ainda repercute como tragédia, de angústia e sofrimento, para familiares e amigos mais chegados.

A partir da codificação espírita, nos idos de 1857, quando Allan Kardec editou "O Livro dos Espíritos", o assunto passou, na verdade, a ser encarado sob outro aspecto, atenuando, sensivelmente, a dor da separação e, por outro lado, acentuando a esperança de que, não sendo a morte o fim de tudo, a partida é, apenas, temporária ausência, com a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, o reencontro se dará, em qualquer parte do Universo - no espaço, noutros mundos, na própria Terra.

Não se vá dizer que esta compreensão espírita nos tornará insensíveis à dor ante a partida de um ente querido, familiar ou não. Não se predique seja o espírita uma pessoa proibida de sentir e chorar, realmente, a partida de um parente ou amigo, eis que uma e outra coisa representariam inexata idéia de que o Espiritismo seja uma Doutrina capaz de insensibilizar o coração humano, de extinguir as emoções normais da criatura, esterilizando-lhe o sentimento.

O conhecimento e a assimilação doutrinário-evangélicos têm a faculdade de fortalecer-nos o Espírito e o coração, tornando-nos capazes de, pela fé, pela certeza da imortalidade, chorarmos, sem dúvida, o desenlace do ser amado, sem, contudo, confiar-nos ao pranto enfermizo, doentio, por improdutivo, e que nunca se acaba.

A morte outra coisa não é senão uma viagem, quase sempre mais longa, que o Espírito realiza. E o reencontro com o "morto" muita vez se dá com muito maior brevidade do que nas viagens comuns, aqui na Terra, de pessoas encarnadas.

Não raro, especialmente num país como o Brasil, de imensa extensão territorial, um parente ou amigo despede-se de nós e, durante vinte, trinta ou quarenta anos não se dá o reencontro, e, às vezes, nunca mais ele é visto por nós?!...

No fenômeno que o mundo impropriamente denomina "morte", muita vez a criatura que desencarnou volta ao convívio dos seus, na condição de filho, sobrinho ou o que for, dois ou três anos depois.

Esta compreensão de que a morte não é o fim, mas um episódio inevitável, de transição, não impede o espírita de verter lágrimas ante o corpo inerte do ser amado. Emmanuel, na mensagem "Ante os que partiram", pondera: "Nenhum sofrimento, na Terra, será comparável ao daquele coração que se debruça sobre outro coração regelado e querido que o ataúde transporta para o grande silêncio."

A compreensão espírita apenas não o deixa eternizar o sofrimento, pois sabe que a separação é temporária, e que, além disso, a vida física não é a principal para as almas, malgrado sua importância, mas simples etapa destinada a favorecer-lhes o resgate de erros, o aprendizado indispensável à conquista da perfeição.

A nosso ver, em nome da Doutrina Espírita ninguém deve reter as lágrimas sinceras, abundantes ou discretas, segundo as condições emocionais de cada um de nós, que, no instante da separação, brotam dos olhos de quem fica; nossa idéia, a este respeito, é de que não devemos converter o pranto das primeiras horas ou dias em inconformada expressão de revolta, de insubmissão às leis divinas, que são sempre, o espírita esclarecido bem o sabe, de amor e misericórdia, de sabedoria e magnanimidade.

Há, ainda, sob o ponto de vista doutrinário, outros aspectos que situam o espiritismo por mensagem altamente consoladora, ante o multimilenário problema da "morte": pelas abençoadas vias da mediunidade, os que ficam podem se comunicar com os que se foram, como se no corpo físico ainda estivessem, sentindo-lhes as emoções, identificando-lhes as idéias, reconhecendo-lhes os hábitos e pontos de vista.

A mediunidade - maravilhosa ponte que liga o mundo físico ao espiritual, a Terra ao Espaço - descerra as portas do infinito, possibilitando o amoroso reencontro das almas desencarnadas com as encarnadas.

Além da mediunidade, que proporciona ainda, algumas vezes, a materialização ou corporificação dos que se foram, temos os sonhos espíritas, quando podemos estreitar nos braços e envolver nas vibrações puras do amor e do carinho os seres amados.

Maravilhosa doutrina que "lutariza de esperança a noite de nossas vidas" – di-lo, com rara e bela definição e Espírito de escol que transitou pelo mundo, no solo glorioso da França, com o nome respeitável de Léon Denis!

Como se observa, têm os espíritas elementos muito sérios, racionais e profundos, de ordem filosófica, para considerarem e conceituarem a nossa doutrina como a mais consoladora, a que maior soma de conforto pode dispensar ao homem nos instantes de dor, de maneira que, ao invés do pranto imoderado, possamos honrar a memória dos que partiram "abraçando com nobreza os deveres" que nos legaram, acentuando, assim, o outro aspecto, o educativo, que a caracteriza, que a situa por fator de extrema valia na obra de redenção da humanidade.

Que ninguém se entregue ao pranto inestancável, inconformado, ante o corpo estirado no esquife; que ninguém se envergonhe de ensopar os olhos com as lágrimas da saudade justa, compreensível, ante o coração amado que demanda outras regiões; mas, que o trabalho do bem seja a melhor forma de lhe cultuarmos a lembrança.

Esta é a mensagem que, em nosso pobre entendimento, o Espiritismo dirige a todos que se defrontam, em casa ou nos círculos pessoais de amizade, com o velho e sempre novo problema da "morte".

A resignação com que os espíritas aceitam a desencarnação de seus entes queridos, familiares e amigos é alguma coisa de impressionar aqueles que não estão identificados com a consoladora Doutrina dos Espíritos.

Nos lares onde viceja a fé espírita, ao invés do desespero, o que se observa, em tais ocasiões, é a serenidade de todos, a calma evangélica, o esforço para que a Vontade Divina, expressa através das leis de Justiça e Misericórdia, seja submissamente entendida.

Não queremos dizer, com isto, sejamos criaturas insensíveis, que não tenhamos saudade dos que se foram.

O espírita aceita a desencarnação como um imperativo biológico-espiritual próprio da existência humana.

Entende que “ninguém nasceu para semente”, como se diz quando se deseja falar de longevidade corporal, ou de uma absurda, inconcebível imortalidade física...

O espírita é um ser igual a todos, tendo as mesmas emoções, os mesmos sentimentos, as mesmas lutas.

Sofre, como os demais, mas procura se esforçar, amparado na convicção doutrinária, refugiado no consolo evangélico, no sentido de aceitar, tanto quanto possível valorosamente, as separações.

O conhecimento da preexistência espiritual, bem assim os informes, seguros e claros, sobre a continuidade da vida além do túmulo, concorrem, conjuntamente, para dar ao espírita singular resistência, que a muitos surpreende.

A saudade em que humanamente se mergulham os espíritas, após a partida de entes amados, não é a saudade mórbida, que aniquila, que arrasa ou consome o restante da existência de quem ficou.

Não é uma saudade que torna a criatura imprestável, incapaz de produzir, inapta para a vida, sem condições para superar aflitivas recordações, que lhe repercutem no mundo interior à maneira de avassaladoras toneladas de angústia.

A nossa saudade - a “saudade espírita”, assim permitam a conceituemos - converte a lembrança do ser amado em estímulo ao trabalho, para que o progresso espiritual não sofra solução de continuidade.

A dor das separações não é, para o espírita, maior do que a certeza de que a vida prossegue, além do corpo físico, repleta de oportunidades, para que honremos a memória dos que se foram, abraçando tarefas edificantes, que falem de fraternidade e amor ao próximo.

As lágrimas do homem de fé não são lágrimas de quem consente, vencido, que o sofrimento lhe domine os redutos do coração, destruindo-o.

Não são lágrimas amargas de quem se revolta, de quem se confia às blasfêmias contra Deus, contra Jesus, contra tudo, contra todos.

É o pranto discreto, a lágrima silenciosa a deslizar, como cintilante pérola, pelo rosto combalido, mas não desesperado.

É o pranto, bem humano, de quem define a existência terrestre por uma etapa entre tantas outras, possibilitando ao Espírito eterno novos corpos, mais tarde, a fim de que, amando e servindo, aprendendo e trabalhando, prossiga em seu roteiro de ascensão e felicidade, no rumo de Deus, nosso Pai.

Além disso, sabemos nós que os desencarnados recebem o impacto vibracional do pranto descontrolado, da angústia impregnada de revolta, da inconformação alucinada.

Os que partiram, antes de nós, recebem, sentem e sofrem os efeitos de nossa atitude mental desajustada.

Serão prejudicados, espiritualmente, em face do comportamento daqueles que, por não entenderem a desencarnação por fenômeno natural e inevitável, que a todos atingirá um dia, desequilibram-se quando se verificam separações no ambiente doméstico.

“As dores inconsoláveis dos que sobrevivem” – afirmam os Amigos Espirituais – “refletem-se, penosamente, nos que partiram”.

Sejam, embora, sensíveis à lembrança e às saudades “dos que lhes eram caros na Terra” – disseram, ainda, os Espíritos -, a dor continuada os toca de maneira chocante, não só sob o ponto de vista vibracional, mas, também, porque nela identificam “falta de fé no futuro”, nesse futuro de que estão participando muitas vezes em clima de grande felicidade, na companhia de almas queridas.

Se os que ficaram choram de saudade, os que partiram choram, por sua vez, pelos prejuízos advindos ao adiantamento daqueles.

Diz Kardec: “Estando o Espírito mais feliz no Espaço que na Terra, lamentar que ele tenha deixado a vida corpórea é deplorar seja feliz.”

Qual de nós, amando certa criatura, ficaria triste por vê-la feliz, desfrutando indefiníveis júbilos?

Orar, com amor, pelos que se foram, eis o nosso dever.

“Quando semelhante provação te bata à porta, reprime o desespero e dilui a corrente da mágoa na fonte viva da oração, porque os chamados mortos são apenas ausentes e as gotas de teu pranto lhes fustigam a alma como chuva de fel’, aconselha, carinhosamente, Emmanuel.

A morte é oportunidade para que pensemos na existência da alma, na sua sobrevivência e comunicabilidade com os vivos da Terra, através dos médiuns, da intuição, ou durante o sono.

A morte é, ainda, ensejo para que glorifiquemos a indefectível justiça, que preside a vida em todas as suas manifestações.

Na linguagem espírita, a morte é, tão-somente, transição de uma para outra forma de vida. Mudança de plano, simplesmente.

Com a desencarnação, abandona o Espírito a veste corporal, que lhe fora temporariamente cedida.

Continua, nos planos invisíveis, sua caminhada.

Prossegue, como ser pensante, carente de evolução, a longa viagem na direção do Infinito.

Interpretada sob este ângulo, nada pavoroso, que é, em síntese, o ângulo realmente doutrinário, a morte não é ocorrência aniquiladora da vida, mas, isto sim, glorioso cântico de imortalidade, em suas radiosas e sublimes manifestações.

O espírita – porque acredita na imortalidade e na continuidade dos afetos cultivados no plano terrestre – tem, segundo a palavra de Entidades Superiores, falando a Kardec, a consolação de que se poderá comunicar com os amigos que o anteciparam na Grande Viagem.

A complementação de Emmanuel, no fecho deste capítulo, é indispensável: “Tranqüiliza, desse modo, os companheiros que demandam o Além, suportando corajosamente a despedida temporária, e honra-lhes a memória abraçando com nobreza os deveres que te legaram.”

O Pensamento de Emmanuel – Martins Peralva – pág. 207

Conduta espírita nos funerais

Resignar-se ante a desencarnação inesperada do parente ou do amigo, vendo nisso a manifestação da Sábia Vontade que nos comanda os destinos.

Maior resignação, maior prova de confiança e entendimento.

* * *

Dispensar aparatos, pompas e encenações nos funerais de pessoas pelas quais se responsabilize, abolir o uso de velas e coroas, crepes e imagens, e conferir ao cadáver o tempo preciso de preparação para o enterramento ou a cremação.

Nem todo Espírito se desliga prontamente do corpo.

Emitir para os companheiros desencarnados, sem exceção, pensamentos de respeito, paz e carinho, seja qual for a sua condição.

A caridade é dever para todo clima.

* * *

Proceder corretamente nos velórios, calando anedotário e galhofa em torno da pessoa desencarnada, tanto quanto cochichos impróprios ao pé do corpo inerte.

O companheiro recém-desencarnado pede, sem palavras, a caridade da prece ou do silêncio que o ajudem a refazer-se.

* * *

Desterrar de si quaisquer conversações ociosas, tratos comerciais ou comentários impróprios nos enterros a que comparecer.

A solenidade mortuária é ato de respeito e dignidade humana.

* * *

Transformar o culto da saudade, comumente expresso no oferecimento de coroas e flores, em donativos às instituições assistenciais, sem espírito sectário, fazendo o mesmo nas comemorações e homenagens a desencarnados, sejam elas pessoais ou gerais.

A saudade somente constrói quando associada ao labor do bem.

* * *

Ajuizar detidamente as questões referentes a testamentos, resoluções e votos, antes da desencarnação, para não experimentar choques prováveis, ante inesperadas incompreensões de parentes e companheiros.

O corpo que morre não se refaz.

* * *

Aproveitar a oportunidade do sepultamento para orar, ou discorrer sem afetação, quando chamado a isso, sobre a imortalidade da alma e sobre o valor da existência humana.

A morte exprime realidade quase totalmente incompreendida na Terra.

“Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte.”
(João, 8:51)

Conduta Espírita – Waldo Vieira/André Luiz – pág. 125

3. Depois da morte

A alma após a morte

149. Que sucede à alma no instante da morte?

“Volta a ser Espírito, isto é, volve ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentaneamente.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – parte 2ª - cap. III

O homem compõe-se de corpo e Espírito: o Espírito é o ser principal, racional, inteligente; o corpo é o invólucro material que reveste o Espírito temporariamente, para preenchimento da sua missão na Terra e execução do trabalho necessário ao seu adiantamento. O corpo, usado, destrói-se e o Espírito sobrevive à sua destruição. Privado do Espírito, o corpo é apenas matéria inerte, qual instrumento privado da mola real de função; sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida, a inteligência. Em deixando o corpo, torna ao mundo espiritual, onde paira, para depois reencarnar.

O Céu e o Inferno – Allan Kardec – 1ª parte – cap. III – item 5

Portanto, a cada morte física, retornamos ao mundo espiritual, permanecendo “em casa”, até que uma nova oportunidade nos faça renascer para um novo estágio de aprendizagem e treinamento, em um novo corpo físico – o corpo é o uniforme de que necessita o Espírito, para freqüentar a Escola Terrena.

- É fatal o instante da morte?
- Com exceção do suicídio, todos os casos de desencarnação são determinados previamente pelas forças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra.
- Se a hora da morte não houver chegado, poderá o homem perecer sob os perigos que o ameaçam?
- Nos aspectos externos da vida, e desde que o Espírito encarnado proceda de conformidade com os ditames da consciência retilínea e do coração bem-intencionado, sem a imponderação dos precipitados e sem o egoísmo dos ambiciosos, toda e qualquer defesa do homem reside em Deus.

- Proporciona a morte mudanças inesperadas e certas modificações rápidas, como será de desejar?
- A morte não prodigaliza estados miraculosos para a nossa consciência.

Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados.

Imaginaí um homem que passa de sua aldeia para uma metrópole moderna. Como se haverá, na hipótese de não se encontrar devidamente preparado em face dos imperativos da sua nova vida?

A comparação é pobre, mas serve para esclarecer que a morte não é um salto dentro da Natureza. A alma prosseguirá na sua carreira evolutiva, sem milagres prodigiosos.

Os dois planos, visível e invisível, se interpenetram no mundo, e, se a criatura humana é incapaz de perceber o plano da vida imaterial, é que o seu sensorio está habilitado somente a certas percepções, sem que lhe seja possível, por enquanto, ultrapassar a janela estreita dos cinco sentidos.

O Consolador – Emmanuel – Qs. 146,147 e 153

237. Uma vez de volta ao mundo dos Espíritos, conserva a alma as percepções que tinha quando na Terra?

“Sim, além de outras de que aí não dispunha, porque o corpo, qual véu sobre elas lançado, as obscurecia. A inteligência é um atributo, que tanto mais livremente se manifesta no Espírito, quanto menos entraves tenha que vencer.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – parte 2ª – cap. VI

- Logo após a morte, o homem que se desprende do invólucro material pode sentir a companhia dos entes amados que o precederam no além-túmulo?

Se a sua existência terrestre foi o apostolado do trabalho e do amor a Deus, a transição do plano terrestre para a esfera espiritual será sempre suave.

Nessas condições, poderá encontrar imediatamente aqueles que foram objeto de sua afeição no mundo, na hipótese de se encontrarem no mesmo nível de evolução. Uma felicidade doce e uma alegria perene estabelecem-se nesses corações amigos e afetuosos, depois das amarguras da separação e da prolongada ausência.

Entretanto, aqueles que se desprendem da Terra, saturados de obsessões pelas posses efêmeras do mundo e tocados pela sombra das revoltas incompreensíveis, não encontram tão depressa os entes queridos que os antecederam na sepultura. Suas percepções restritas à atmosfera escura dos seus pensamentos e seus valores negativos impossibilitam-lhes as doces venturas do reencontro.

É por isso que observais, tantas vezes, Espíritos sofrendores e perturbados fornecendo a impressão de criaturas desamparadas e esquecidas pela esfera da bondade superior, mas, que, de fato, são desamparados por si mesmos, pela sua perseverança no mal, na intenção criminosa e na desobediência aos sagrados desígnios de Deus.

O Consolador – Emmanuel – pág. 94

163. A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo?

“Imediatamente não é bem o termo. A alma passa algum tempo em estado de perturbação.”

164. A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos?

“Não; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado, se reconhece quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – parte 2ª – cap. III

Por ocasião da morte, tudo, a princípio, é confuso. De algum tempo precisa a alma para entrar no conhecimento de si mesma. Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das idéias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar, e à medida que se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles que, desde quando ainda viviam na Terra, se identificaram com o estado futuro que os aguardava, são os em quem menos longa ela é, porque esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

Aquela perturbação apresenta circunstâncias especiais, de acordo com os caracteres dos indivíduos e, principalmente, com o gênero de morte. Nos casos de morte violenta, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto. Obstinadamente sustenta que não o está. No entanto, vê o seu próprio corpo, reconhece que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele. Acerca-se das pessoas a quem estima, fala-lhes e não percebe por que elas não o ouvem. Semelhante ilusão se prolonga até ao completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece como tal e compreende que não pertence mais ao número dos vivos. Este fenômeno se explica facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, porque pensa, vê, ouve, tem a sensação de não estar morto. Mais lhe aumenta a ilusão o fato de se ver com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo de estudar. Julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando se lhe chama a atenção para esse ponto, admira-se de não poder palpá-lo. Esse fenômeno é análogo ao que ocorre com alguns sonâmbulos inexperientes, que não crêem dormir. É que têm o sono por sinônimo de suspensão das faculdades. Ora, como pensam livremente e vêem, julgam naturalmente que não dormem. Certos Espíritos revelam essa particularidade, se bem que a morte não lhes tenha sobrevindo inopinadamente. Todavia,

sempre mais generalizada se apresenta entre os que, embora doentes, não pensavam em morrer. Observa-se então o singular espetáculo de um Espírito assistir ao seu próprio enterramento como se fora o de um estranho, falando desse ato como de coisa que lhe não diz respeito, até ao momento em que compreende a verdade.

A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, que se conserva calmo, semelhante em tudo a quem acompanha as fases de um tranqüilo despertar. Para aquele cuja consciência ainda não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à proporção que ele da sua situação se compenetra.

Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tornam a ver-se logo. Presas da perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, ou só se preocupa com os que lhe interessam.

O Livro dos Espíritos – Comentário de Allan Kardec – parte 2ª – cap. III

ESCLARECIMENTOS DE EMMANUEL SOBRE “PERTURBAÇÕES ESPIRITUAIS” DURANTE E APÓS A MORTE

Com raríssimas exceções, as criaturas humanas sofrem perturbações durante e após a grande transição.

Em Doutrina Espírita, cremos que a afirmativa com que iniciamos o presente capítulo é aceita pela generalidade dos que a estudam, sendo também pacífico o entendimento de que tal perturbação não é igual para todos. Varia de indivíduo a indivíduo.

Naqueles que transpõem os pórticos espirituais inteiramente despreparados, em função do tipo de existência materialista e materializadora que levaram, mais forte é o desequilíbrio, dado que as impressões da vida corporal transferem-se, integralmente, para o plano da consciência desencarnada.

Os prejuízos e sofrimentos com que deparam os que vivem alheios a qualquer esforço pessoal, no campo das lutas renovadoras, podem ir de simples depressões, motivadas por complexos culposos, até os terríveis processos de tortura impostos pela mente que se liberou do corpo físico mas não se libertou das peias do remorso profundo.

Os que vivem em função do bem e da moral, embora sintam os efeitos do choque biológico da desencarnação, podem guardar, por algum tempo, impressões incomodativas; contudo, prontamente se reintegram nos trilhos do equilíbrio espiritual, com a conseqüente adaptação ao novo plano de vida, regido por leis até então por eles ignoradas.

De acordo com o Espiritismo, não há mistério, não há privilégios regendo a vida no plano subjetivo, ou espiritual.

Além da morte, a posição evolutiva é que determina o estado da alma desencarnada - negativo ou positivo, feliz ou desventurado.

"...acende, desde agora, a luz do bem constante, na rota dos teus dias, para que a sombra imensa te não furte ao olhar a visão das estrelas" - adverte, carinhosamente, o respeitável Mentor, descortinando ante nossos olhos, ainda baços, os clarões do amor e da sabedoria.

Acender a luz do bem, para que não haja prolongado aturdimento, após a morte física.

Usar o combustível do amor, para que menor seja a perturbação e, assim, mais rápido se dê o despertar e mais breve a recuperação do equilíbrio "além-fronteiras".

Ninguém, a não ser entidades com larga soma de experiência no trato com os enfermos desencarnados, poderá prever a intensidade e a duração das crises mentais que a maioria dos homens leva para o mundo espiritual.

É como acontece na esfera terrestre: somente o médico experimentado, de vasto tirocínio, poderá determinar, com razoável margem de probabilidades de acerto, a duração de certas crises orgânicas e, mesmo, a época aproximada da morte.

Em determinados gêneros de desencarnação, a inconsciência parcial ou total sobrevém ao desenlace, especialmente nas chamadas "mortes violentas".

A Providência Divina, caracterizando-se, invariavelmente, por infinita bondade e extrema misericórdia, funciona, em algumas ocasiões, por intermédio de sublimes mensageiros, no sentido de que seja retardado o despertamento além-túmulo, para evitar conseqüências e efeitos dolorosos.

Quando o despertamento pode contribuir para aumentar a dor do recém-aportado aos continentes ultrafísicos, a providência, generosa e magnânima, é aguardarem os Amigos Espirituais o concurso do tempo, o extraordinário benfeitor, a fim de que se não contrariem universais princípios de misericórdia que substancializam as leis divinas.

Em casos de acidentes não provocados pelo próprio desencarnado, é realmente doloroso para o Espírito sentir, vivamente, o corpo dilacerado, os miolos estourados, os membros mutilados.

A lei funciona, atenuando ou agravando, na proporção da responsabilidade de cada um, quanto ao gênero de morte.

A recordação dos lances que o levaram à desencarnação, na época aparentemente incontornáveis, acentua o sofrimento, causando terrível mágoa pela compreensão de que desperdiçou o tesouro da existência.

A "saudade da vida", a saudade dos entes queridos que ficaram na retaguarda, no palco da Terra, punge-lhe o coração.

Em nome da Suprema Bondade, Emissários Celestes deixam, por vezes, os recém-desencarnados temporariamente envolvidos no magnetismo pesado com que se reveste. No entanto, tão logo o tempo funcione, beneficemente, os princípios de misericórdia, reconfortando e pacificando, dando coragem e bom ânimo, alcançam o coração em desequilíbrio, induzindo-o à confiança no Divino Poder.

Despertados no tempo próprio, os desajustados do coração e da inteligência, do sentimento e do raciocínio passam a receber os influxos da prece, que é o pão do Espírito, embora saibamos, todos nós, que a oração não nos exonera das lutas, mas ajuda-nos a transpô-las galhardamente.

Desta maneira, resumindo, doutrinariamente, os conceitos expendidos em "O Livro dos Espíritos" e a observação formulada, sabiamente, por Emmanuel, em torno da posição da alma após a morte física, podemos acentuar, por verdade doutrinária, que:

- A alma despreparada e culpada cristaliza a mente em situações, pessoas e sentimentos.
- Verdadeiros dramas de consciência se desenrolam no palco ensandecido da mente que faliu deliberadamente.
- A cristalização mental define-se por "uma parada no tempo e no espaço".
- Vibrações pesadas e angustiosas constituem cativo para a alma.
- Amigos espirituais, em nome do Amparo Divino, observam, acompanham, contemplam e ajudam os que ingressam no mundo espiritual em posição de desajuste.

O esforço próprio é lei em todos os cometimentos evolutivos.

Na Terra e no Espaço, ninguém aprende, nem evolui, se não souber aproveitar o concurso, valioso, dos Benfeitores Espirituais.

Encarnados ou desencarnados, condicionamo-nos aos próprios recursos e valores espirituais; contudo, dadas as nossas milenárias imperfeições, dependemos, e muito, do auxílio dos Missionários da Luz...

O Pensamento de Emmanuel – Martins Peralva – pág. 238

Por ocasião da morte corpórea, o Espírito entra em perturbação e perde a consciência de si mesmo, de sorte que jamais testemunha o último suspiro do seu corpo. Pouco a pouco a perturbação se dissipa e o Espírito se recobra, como um homem que desperta de profundo sono. Sua primeira sensação é a de estar livre do fardo carnal; segue-se o espanto, ao reparar no novo meio em que se encontra. Acha-se na

situação de um a quem se cloroformiza para uma amputação e que, ainda adormecido, é levado para outro lugar. Ao acordar, ele se sente livre do membro que o fazia sofrer; muitas vezes, procura-o, surpreendido de não mais o possuir. Do mesmo modo, o Espírito, no primeiro momento, procura o corpo que tinha; descobre-o a seu lado; reconhece que é o seu e espanta-se de estar dele separado e só gradativamente se apercebe da sua nova situação.

Nesse fenômeno, apenas se operou uma mudança de situação material. Quanto ao moral, o Espírito é exatamente o que era algumas horas antes; por nenhuma modificação sensível passou; suas faculdades, suas idéias, seus gostos, seus pendores, seu caráter são os mesmos e as transformações que possa experimentar só gradativamente se operarão, pela influência do que o cerca. Em resumo, unicamente para o corpo houve morte; para o Espírito, apenas sono houve.

Obras Póstumas – pág. 201

- Que espera o homem desencarnado, diretamente, nos seus primeiros tempos da vida de além-túmulo?

- A alma desencarnada procura naturalmente as atividades que lhe eram prediletas nos círculos da vida material, obedecendo aos laços afins, tal qual se verifica nas sociedades do vosso mundo.

As vossas cidades não se encontram repletas de associações, de grêmios, de classes inteiras que se reúnem e se sindicalizam para determinados fins, conjugando idênticos interesses de vários indivíduos? Aí, não se abraçam os agiotas, os políticos, os comerciantes, os sacerdotes, objetivando cada grupo a defesa dos seus interesses próprios?

O homem desencarnado procura ansiosamente, no Espaço, as aglomerações afins com seu pensamento, de modo a continuar o mesmo gênero de vida abandonado na Terra, mas, tratando-se de criaturas apaixonadas e viciosas, a sua mente reencontrará as obsessões de materialidade, quais as do dinheiro, do álcool, etc., obsessões que se tornam o seu martírio moral de cada hora, nas esferas mais próximas da Terra.

Daí a necessidade de encarmos todas as nossas atividades no mundo como a tarefa de preparação para a vida espiritual, sendo indispensável à nossa felicidade, além do sepulcro, que tenhamos um coração sempre puro.

O Consolador – Emmanuel – pág. 93

Não basta crer na imortalidade da alma. Inadiável é a iluminação de nós mesmos, a fim de que sejamos claridade sublime.

No Mundo Maior – André Luiz

“A crise da morte” - Ernesto Bozzano - 3º caso

Reproduzo um último caso de data antiga, que extraio do livro do Dr. Wolfe: *Starling Facts in Modern Spiritualism* (Pag. 388). “Jim Nolan”, o “Espírito-guia” do célebre médium Sr. Hollis, que disse e demonstrou ter sido soldado no curso da Guerra de Secessão da América e haver morrido de tifo num hospital militar, responde da maneira seguinte às perguntas de um experimentador:

P. – Que impressão tiveste da tua primeira entrada no mundo espiritual?

R. – Parecia-me que despertava de um sono, com um pouco de atordoamento a mais. Já não me sentia enfermo e isso me espantava grandemente. Tinha uma vaga suspeita de que alguma coisa estranha se passara, todavia, não sabia definir o de que se tratava. Meu corpo se achava estendido no leito de campanha e eu o via. Dizia de mim para mim: “Que estranho fenômeno!” – Olhei ao meu derredor, e vi três de meus camaradas mortos nas trincheiras diante de Vicksburg e que eu enterrara. Entretanto, ali estavam na minha presença! Olhavam a sorrir. Então, um dos três me saudou, dizendo:

- Bom dia, Jim; também és dos nossos?
- Sou dos vossos? Que queres dizer?
- Mas... que te achas aqui, conosco, no mundo dos Espíritos. Não te apercebeste disto? É um meio onde se está bem.

Estas palavras eram muito fortes para mim. Fui presa de violenta emoção e exclamei: - “Meu Deus! Que dizes! Estou morto?”

- Não; estás mais vivo do que nunca, Jim; porém te achas no mundo dos Espíritos. Para te convenceres, não tens mais do que atentar no teu corpo.

Com efeito, meu corpo jazia, inanimado, diante de mim, sobre a tarimba. Como, pois, contestar o fato? Pouco depois, chegaram dois homens que colocaram meu cadáver numa prancha e o transportaram para perto de um carro; neste o meteram, subiram à boléia e partiram. Acompanhei então o carro, que parou à borda de um fosso, onde o meu cadáver foi arriado e enterrado. Fora eu o único assistente do meu enterro...

P. – Quais as sensações que experimentaste na crise da morte?

R. – A que se experimenta quando o sono se apodera da gente, mas deixando que ainda se possa lembrar de alguma idéia que tenha tido antes do sono. A gente, porém, não se lembra do momento exato em que foi tomado pelo sono. É o que se dá por ocasião da morte. Mas, um pouco antes da crise fatal, minha mentalidade se tornara muito ativa; lembrei-me subitamente de todos os acontecimentos da minha vida; vi e ouvi tudo que fizera, dissera, pensara, todas as coisas a que estivera associado. Lembrei-me até dos jogos e brincadeiras do campo militar; gozei-os, como quando deles participei.

P. – Conta-nos as tuas primeiras impressões no mundo espiritual.

R. – Ia dizer-vos que os meus bons amigos soldados não mais me abandonaram, desde que desencarnei até o momento em que fiz a minha entrada no mundo espiritual; lá, tinha eu avós, irmãos e irmãs, que, entretanto, não me vieram receber quando desencarnei. Ao entrar no mundo espiritual, parecia-me caminhar sobre um terreno sólido e vi que ao meu encontro vinha uma velha, que me dirigiu a palavra assim: - “Jim, então vieste para onde estávamos?” – Olhei-a atentamente e exclamei: - “Ó avózinha, és tu?” – “Sou eu mesma, meu caro Jim. Vem comigo.” – E me levou para longe dali, para sua morada. Uma vez lá, disse-me ser necessário que eu repousasse e dormisse. Deitei-me e dormi longamente...

P. – A morada de que falas tinha o aspecto de uma Casa?

R. – Certamente. No mundo dos Espíritos, há a força do pensamento, por meio do qual se podem criar todas as comodidades desejáveis...

COMENTÁRIO DE ERNESTO BOZZANO:

Esta última informação que, no caso de que se trata, remonta a setenta anos atrás, não é apenas um dos detalhes fundamentais a cujo respeito todos os Espíritos estão de acordo; é também a “chave de abóbada” que permite explicar, resolver, justificar todas as informações e descrições aparentemente absurdas, incríveis, ridículas, dadas pelos Espíritos que se comunicam, a propósito da vida espiritual. Em outras obras, já por mim publicadas, tive que me deter longamente sobre este tema muito importante; limitar-me-ei desta vez, pois, a nele tocar, na medida do estritamente necessário.

Esta grande verdade, que nos foi comunicada pelos Espíritos, permite resolvamos uma imensidade de questões, teóricas, obscuras, determinadas pelos informes que dão as personalidades mediúnicas, relativamente ao meio espiritual, às formas que os Espíritos revestem, às modalidades da existência deles; todas as informações que constituem uma reprodução exata, ainda que espiritualizada, do meio terrestre, da humanidade, das modalidades da existência neste mundo. Essa grande verdade, que resolve todos os enigmas teóricos em questão e que se funda no poder criador do pensamento no meio espiritual, é confirmada de modo impressionante por fatos que se desenrolam no meio terrestre.

Se imaginarmos tudo isso, teremos de reconhecer racional e providencial que um ciclo de existência preparatória passe entre a existência encarnada e a de “puro Espírito”, de maneira a conciliar a natureza,

por demais terrestre, do Espírito desencarnado, com a natureza, por demais transcendental, da existência espiritual propriamente dita.

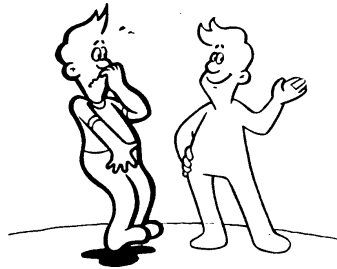
O poder criador do pensamento seria de molde a obviar maravilhosamente a este inconveniente; o Espírito, pensando numa forma humana, se encontraria de novo em forma humana; pensando em estar vestido, achar-se-ia coberto de vestes que, sendo tão etéreas como o seu próprio corpo, lhe pareceriam tão substanciais como as vestes terrenas. É assim que o Espírito encontraria novamente, no mundo espiritual, um meio e uma morada que lhe preparariam os seus familiares, tornados antes dele à existência espiritual. Como se há podido ver no caso que acabo de referir, é a avó do defunto que estaria encarregada de conduzir o neto à morada que o havia de receber. A este respeito, deve-se notar que, quando o Espírito “Jim Nolan” narra ter visto que uma velha vinha ao seu encontro, fora preciso subentender-se que a avó revestira temporariamente sua antiga forma terrena, para ser reconhecida.

Deter-me-ia, para me não estender demais nos comentários deste fato; os pontos obscuros, de importância secundária, que ficam sem solução nas considerações precedentes, serão sucessivamente assinalados e explicados, à medida que, nos casos que ainda vão ser citados, se oferecer ocasião.

Com relação ao incidente da “visão panorâmica” que o Espírito “Jim Nolan” relata, observarei que, desta vez, o fenômeno se desdobrou sob a forma de “recapitulação de lembranças”, propriamente dita. Isto, naturalmente, em nada muda os termos do problema psicológico a ser resolvido. Daí apenas resultaria que o morto, em vez de pertencer ao que se chama em linguagem psicológica “o tipo visual”, pertencia ao tipo especialmente “auditivo-mental”.

4. O processo desencarnatório

O CORPO ESPIRITUAL



- Desencarnar!... Parece coisa de açougueiro! – comentava, jocosamente, um amigo, católico convicto.

E eu, no mesmo tom:

- O açougueiro descarna. A gente desencarna, sai da carne. Aliás, você é tão magro que provavelmente vai desensossar, sair dos ossos.

Curiosa a resistência à expressão desencarnar. Compreensível que o materialista não a aceite. Afinal, para ele tudo termina no túmulo... O mesmo não deveria ocorrer com as pessoas que aceitam a sobrevivência, adeptos de qualquer religião. Se concebemos que a individualidade sobrevive à morte física, ela se impõe para definir o processo que libera o Espírito da carne.

Imperioso para uma compreensão melhor do assunto considerar a existência do corpo espiritual ou perispírito, conforme explicam as questões 150 e 150-a, de O Livro dos Espíritos:

- A alma, após a morte, conserva a sua individualidade?

“Sim, jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?”

- Como comprova a alma sua individualidade, uma vez que não tem mais corpo material?

“Continua a ter um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosfera do seu planeta, e que guarda a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.”

Bastante esclarecedoras são, também, as questões 135 e 135-a:

- Há no homem alguma outra coisa além da alma e do corpo?

“Há o laço que liga a alma ao corpo”

- De que natureza é esse laço?

“Semi-material, isto é, de natureza intermédia entre o Espírito e o corpo. É precioso que seja assim para que os dois se possam comunicar um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e reciprocamente.”

Comenta Kardec:

O homem é, portanto, formado de três partes essenciais:

1º - O corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2º - A alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação.

3º - O princípio intermediário, ou perispírito, substância semi-material que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tais, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca.

Desde os tempos mais recuados os estudiosos admitem a existência de um corpo extracarnal, veículo de manifestação do Espírito no plano em que atua (no plano físico, ligando-o à carne; no plano espiritual, compatibilizando-o com as características e os seres da região onde se situe).

O apóstolo Paulo reporta-se ao perispírito quando diz, na II Epístola aos Coríntios (12:2 a 4): “Conheço um homem em Cristo, que há 14 anos (se no corpo não sei, se fora do corpo não sei; Deus o sabe), foi arrebatado até ao terceiro céu. E sei que o tal homem foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar”.

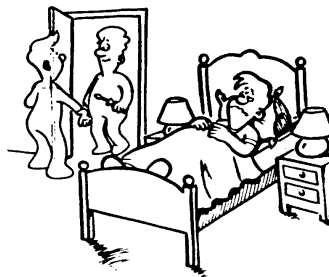
Enquanto a máquina física dormia, atendendo aos imperativos de descanso, Paulo, em corpo espiritual, deslocava-se rumo às Esferas Superiores, conduzido por mentores amigos, a fim de receber preciosas orientações. Tentando, talvez, definir a natureza de sua experiência, ele comenta, na I Epístola aos Coríntios (15:40): “Há corpos celestes e corpos terrestres”.

Semelhantes deslocamentos não constituem privilégio dos santos. Todas as criaturas humanas o fazem diariamente, durante o sono, com registros fugazes e fragmentários na forma de sonhos. Considere-se, entretanto, que a natureza dessas excursões é determinada pelas atividades na vigília. Por isso, o homem comum, preso a interesses imediatistas, configurando prazeres, vícios e ambições, a par de uma total indiferença pelo auto-aprimoramento espiritual e a disciplina das emoções, não tem a mínima condição para experiências sublimes como a de Paulo.

Todos “morremos”, diariamente, durante o sono. Mas, para transitar com segurança e lucidez nas regiões além-túmulo, nessas horas, aproveitando integralmente as oportunidades de aprendizado, trabalho e edificação, é preciso cultivar os valores do espírito durante a vigília. Caso contrário estaremos tão à vontade no Plano Espiritual como peixes fora d’água.

Quem Tem Medo da Morte – Richard Simonetti – págs. 17 a 21

CONCURSO ESPIRITUAL



A expressão “desligamento” define bem o processo desencarnatório. Para que o Espírito liberte-se deve ser desligado do corpo físico, já que permanecemos ligados a ele por cordões fluídicos que sustentam nossa comunhão com a matéria.

Observadas as necessidades de especialização, como ocorre em qualquer atividade humana, há técnicos que se aproximam do desencarnante, promovendo, com recursos magnéticos, sua liberação. Somente indivíduos muito evoluídos, com grande desenvolvimento mental e espiritual, prescindem desse concurso. Isso significa que sempre contaremos com ajuda especializada na grande transição, a par da presença de amigos e familiares que nos antecederam.

Naturalmente, o apoio maior ou menor da Espiritualidade está subordinado aos méritos do desencarnante. Se virtuoso e digno merecerá atenção especial e tão logo seja consumada a desencarnação será conduzido a instituições assistenciais que favorecerão sua readaptação à Vida Espiritual. Já os que se comprometeram com o vício e o crime, despreocupados da disciplina e do discernimento, serão desligados no momento oportuno, mas permanecerão entregues à própria sorte, estagiando por tempo indeterminado no Umbral, faixa escura que circunda a Terra, formada pelas vibrações mentais de multidões de Espíritos encarnados e desencarnados dominados, ainda, por impulsos primitivos de animalidade.

A tradição religiosa consagrou a extrema unção, em que um oficiante, com ritos e rezas, promove a absolvição do moribundo, em relação aos seus pecados, antecedida, sempre que possível, da confissão, garantindo-lhe um ingresso feliz no Além.

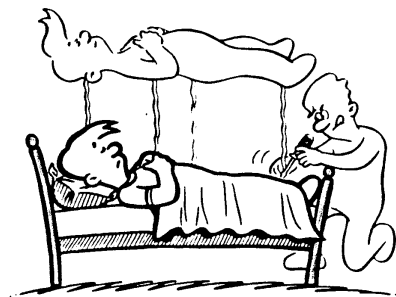
No entanto, a realidade mostrada pela Doutrina Espírita é bem diferente. Fórmulas verbais e ritualísticas não têm repercussão nenhuma nos domínios da Morte. O mesmo ocorre com o arrependimento formal, que reflete muito mais temor das sanções além-túmulo do que a consciência da própria indigência espiritual.

O filho pródigo, na inesquecível parábola de Jesus, permaneceu à distância do conforto do lar, em angustiante situação, até que “caiu em si”, reconhecendo que vivia miseravelmente, enfrentando privações que não existiam nem mesmo para os servos mais humildes na casa paterna. Dispôs-se, então, a encetar a longa jornada de retorno. Para surpresa sua, foi recebido com júbilo imenso por seu pai.

Filhos de Deus, criados à Sua imagem e semelhança, dotados de Suas potencialidades criadoras, intrinsecamente destinados ao Bem, candidatamo-nos a longos estágios em regiões de sofrimento, além-túmulo, sempre que nos comprometamos com o mal, até que, à semelhança do filho pródigo, reconheçamos nossa miséria moral e, sinceramente contritos, retornemos aos caminhos do Senhor, iniciando laboriosa jornada de renovação.

Quem Tem Medo da Morte – Richard Simonetti – págs. 22 a 26

DESLIGAMENTO



A desencarnação, a maneira como o Espírito, com seu revestimento perispiritual, deixa o corpo, é inacessível à Ciência da Terra, em seu estágio atual de desenvolvimento, porquanto ocorre na dimensão espiritual, que nenhum instrumento científico, por mais sofisticado, tem conseguido devassar.

Ficamos, portanto, circunscritos às informações dos Espíritos, que esbarram nas dificuldades impostas por nossas limitações (algo como explicar o funcionamento do sistema endócrino a uma criança), e pela ausência de similitude (elementos de comparação entre os fenômenos biológicos e os espirituais).

Sem entrar, portanto, em detalhes técnicos, poder-se-ia dizer que o desencarne começa pelas extremidades e vai se completando na medida em que são desligados os cordões fluídicos que prendem o Espírito ao corpo.

Sabe-se que o moribundo apresenta mãos e pés frios, um fenômeno circulatório, porquanto o coração enfraquecido não consegue bombear adequadamente o sangue. Mas é também um fenômeno de desligamento. Na medida em que este se desenvolve, as áreas correspondentes deixam de receber a energia vital que emana do Espírito e sustenta a organização física.

No desdobraimento desse processo, quando é desligado o cordão fluídico que prende o Espírito ao corpo, à altura do coração, este perde a sustentação perispiritual e deixa de funcionar. Cessa, então, a circulação sangüínea e a morte consuma-se em poucos minutos.

A Medicina dispõe hoje de amplos recursos para reanimar o paciente quando o coração entra em colapso. A massagem cardíaca, o choque elétrico, a aplicação intracardíaca de adrenalina, têm salvo milhares de vidas, quando aplicados imediatamente, antes que se degenerem as células cerebrais por falta de oxigenação.

Tais socorros são eficientes quando se trata de mero problema funcional, como o enfarte, um estrangulamento da irrigação sangüínea em determinada área do coração, em virtude de trombo ou de estreitamento da artéria. O enfarte pode implicar em desencarne, mas nem sempre significa que chegou a hora da Morte, tanto que são freqüentes os casos em que a assistência médica recupera o paciente.

Se, entretanto, a parada cardíaca for determinada pelo desligamento do cordão fluídico, nenhum médico, por mais hábil, nenhum recurso da Medicina, por mais eficiente, operará o prodígio de reanimá-lo. O processo torna-se irreversível.

Quem Tem Medo da Morte – Richard Simonetti – págs. 26 a 28

BALANÇO



A iminência da morte dispara um curioso processo de reminiscência. O moribundo revive, em curto espaço de tempo, as emoções de toda a existência, que se sucedem em sua mente como um prodigioso filme com imagens projetadas em velocidade vertiginosa.

É uma espécie de balanço existencial, um levantamento de débito e crédito na contabilidade divina, definindo a posição do Espírito ao retornar à espiritualidade, em face de suas ações boas ou más, considerando-se que poderão favorecê-lo somente os valores que “as traças não roem nem os ladrões roubam”, a que se referia Jesus, conquistados pelo esforço do Bem.

Trata-se de um mecanismo psicológico automático que pode ser disparado na intimidade da consciência sem que a morte seja consumada. São freqüentes os casos em que o “morto” ressuscita, espontaneamente ou mediante a mobilização de recursos variados.

Há médicos que vêm pesquisando o assunto, particularmente nos Estados Unidos, onde se destaca o doutor Raymond A. Moody Júnior, que no livro “Vida Depois da Vida” descreve experiências variadas de pessoas declaradas clinicamente mortas.

Vale destacar que esses relatos confirmam as informações da Doutrina Espírita. Os entrevistados reportam-se ao “balanço” de suas existências. Abordam, também, temas familiares aos espíritas, como: corpo espiritual ou perispírito; a dificuldade de perceber a condição de “morto”; o contato com benfeitores espirituais e familiares; a facilidade em “sentir” o que as pessoas estão pensando; a possibilidade de voitar, com incrível sensação de leveza; a visão dos despojos carnis e as impressões extremamente desagradáveis dos que tentaram o suicídio.

As pesquisas revelaram que tais fenômenos são freqüentes, envolvendo pacientes variados, e que estes geralmente silenciam a respeito, temendo ser julgados mentalmente debilitados.

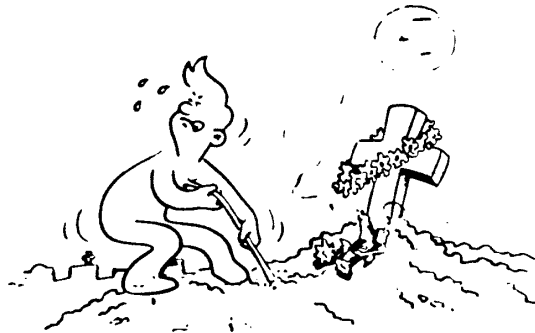
Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” Allan Kardec comenta que a universalidade dos princípios espíritas (concordância nas manifestações dos Espíritos, obtidas através de múltiplos médiuns em diversos países), garante sua autenticidade, já que seria impossível uma coincidência tão generalizada.

Da mesma forma a autenticidade das pesquisas do Dr. Moody é demonstrada estatisticamente pelos relatos de centenas de pacientes que retornaram do Além, abordando os mesmos aspectos a que nos referimos, não obstante professarem diferentes concepções religiosas, situarem-se em variadas posições culturais e sociais e residirem em regiões diversas.

A experiência de reviver a própria existência em circunstâncias dramáticas pode representar para o redivo uma preciosa advertência, conscientizando-o de que é preciso investir na própria renovação, a fim de não se situar “falido” no Plano Espiritual quando efetivamente chegar sua hora.

Quem Tem Medo da Morte – Richard Simonetti – págs. 29 a 32

AS DELONGAS DO DESLIGAMENTO



Morte física e desencarne não ocorrem simultaneamente. O indivíduo morre quando o coração deixa de funcionar. O Espírito desencarna quando se completa o desligamento, o que demanda algumas horas ou alguns dias.

Basicamente o Espírito permanece ligado ao corpo enquanto são muito fortes nele as impressões da existência física. Indivíduos materialistas, que fazem da jornada humana um fim em si, que não cogitam de objetivos superiores, que cultivam vícios e paixões, ficam retidos por mais tempo, até que a impregnação fluídica animalizada de que se revestem seja reduzida a níveis compatíveis com o desligamento.

Certamente os benfeitores espirituais podem fazê-lo de imediato, tão logo se dê o colapso do corpo. No entanto, não é aconselhável, porquanto o desencarnante teria dificuldades maiores para ajustar-se às realidades espirituais. O que aparentemente sugere um castigo para o indivíduo que não viveu existência condizente com os princípios da moral e da virtude, é apenas manifestação de misericórdia. Não obstante o constrangimento e as sensações desagradáveis que venha a enfrentar, na contemplação de seus despojos carnis em decomposição, tal circunstância é menos traumatizante do que o desligamento extemporâneo.

Há, a respeito da morte, concepções totalmente distanciadas da realidade. Quando alguém morre fulminado por um enfarte violento, costuma-se dizer:

“Que morte maravilhosa! Não sofreu nada!”

No entanto, é uma morte indesejável. Falecendo em plena vitalidade, salvo se altamente espiritualizado, ele terá problemas de desligamento e adaptação, pois serão muito fortes nele as impressões e interesses relacionados com a existência física.

Se a causa da morte é o câncer, após prolongados sofrimentos, em dores atrozes, com o paciente definhando lentamente, decompondo-se em vida, fala-se:

“Que morte Horrível! Quanto sofrimento!”

Paradoxalmente, é uma boa morte. Doença prolongada é tratamento de beleza para o Espírito. As dores físicas atuam como inestimável recurso terapêutico, ajudando-o a superar as ilusões do Mundo, além de depurá-lo como válvulas de escoamento das impurezas morais. Destaque-se que o progressivo agravamento de sua condição torna o doente mais receptivo aos apelos da religião, aos benefícios da prece, às meditações sobre o destino humano. Por isso, quando a morte chega, ele está preparado e até a espera, sem apegos, sem temores.

Algo semelhante ocorre com as pessoas que desencarnam em idade avançada, cumpridos os prazos concedidos pela Providência Divina, e que mantiveram um comportamento disciplinado e virtuoso. Nelas a vida física extingue-se mansamente, como uma vela que bruxuleia e apaga, inteiramente gasta, proporcionando-lhes um retorno tranqüilo, sem maiores percalços.

Quem Tem Medo da Morte – Richard Simonetti – págs. 45 a 47

DESENCARNAÇÃO DE DIMAS

LIVRO:

Obreiros da Vida Eterna - André Luiz

PESSOA OBSERVADA:

Dimas: colaborador de trabalhos espíritas, médium assíduo aos trabalhos, sempre a serviço de necessitados e sofredores. Tem pouco mais de 50 anos de idade.

O estudo é feito com a observação direta de André Luiz no processo de desencarnação de Dimas.

CAUSA DA MAGNETIZAÇÃO:

Desencarnar o Espírito de Dimas.

ESPÍRITO MAGNETIZADOR

Assistente: Jerônimo.

Auxiliares: André Luiz, Hipólito (ex-padre) e Luciana.

LOCAL:

Residência de Dimas, em pequena cidade do interior.

ESTADO EM QUE SE ENCONTRAVA O PACIENTE (NO DIA DA DESENCARNAÇÃO):

- a) atacado de cirrose hipertrófica;
- b) fígado desorganizado começara paralisar suas funções;
- c) estômago, pâncreas e duodeno apresentavam anomalias estranhas;
- d) os rins parecem praticamente mortos;

- e) Os glomérulos prendiam-se aos ramos arteriais como pequeninos botões arrocheados;
- f) os tubos coletores enrijecidos prenunciavam o fim do corpo;
- g) sintomas de gangrena em toda a atmosfera orgânica;
- h) corpúsculos das mais variadas espécies nadavam nos líquidos acumulados no ventre;
- i) o coração trabalhava com dificuldade.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO DESENCARNADOR:

1. Resumo Teórico: Os cuidados necessários da alma (feito pelo assistente Jerônimo).

“Há três regiões orgânicas fundamentais que demandam extremo cuidado nos serviços de liberação da alma.”

1ª - O centro vegetativo, ligado ao ventre, como sede das manifestações fisiológicas.

2ª - O centro emocional, zona dos sentimentos e desejos, sediado no tórax.

3ª - O centro mental, mais importante por excelência, situado no cérebro.

2. Isolamento do Sistema Nervoso: antes de iniciar o desligamento das três regiões acima descritas, Jerônimo, com o auxílio de André Luiz, que ficou com as mãos colocadas na frente do enfermo, fez as seguintes operações magnéticas no sistema nervoso:

1º - insensibilizou inteiramente o vago, para facilitar o desligamento nas vísceras;

2º - a seguir, utilizando passes longitudinais, isolou o sistema nervoso simpático;

3º - neutralizou as fibras inibidoras no cérebro.

3. A desencarnação de Dimas: (feita por Jerônimo) – acompanhar com o resumo teórico do item 1.

1º - O Centro Vegetativo: começou a operar sobre o plexo solar, desatando laços que localizavam forças físicas. Com espanto, André Luiz notou que certas porções de SUBSTÂNCIA LEITOSA extravasavam do umbigo, pairando em torno. Esticaram-se os membros inferiores, com sintomas de esfriamento. Dimas gemeu alto, semi-inconsciente.

2º - Centro Emocional: Jerônimo, com passes concentrados no tórax, relaxou os elos que mantinham a coesão celular no centro emotivo, operando sobre determinado ponto do coração, que passou a funcionar como bomba mecânica, desreguladamente. Desprenderam-se mais substâncias do epigástrico à garganta. O corpo físico oferecia resistência, insistindo nela retenção do ser espiritual, ocasionando angustiada aflição a Dimas; todos os músculos opunha-se à libertação das forças motrizes.

3º - O Centro Mental: Jerônimo concentrou-se no cérebro. Aplicou todo o seu potencial de energia na fossa romboidal e quebrou alguma coisa que André Luiz não pôde perceber com minúscias. Como conseqüência, brilhante chama violeta-dourada desligou-se da região craniana, absorvendo instantaneamente a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada anteriormente dos outros centros. André Luiz afirma que era difícil fixar a chama, tal a sua intensidade. A chama mencionada transformou-se em maravilhosa cabeça, idêntica a do corpo físico e após ela, foi se formando todo o corpo perispiritual de Dimas, membro a membro, traço a traço. Dimas, desencarnado, elevou-se alguns passos acima de Dimas-cadáver, apenas ligado ao corpo através de leve cordão prateado, semelhante a sutil elástico, entre o cérebro de matéria densa, abandonado, e o cérebro do corpo espiritual.

OBSERVAÇÃO:

À medida que o novo organismo perispiritual surgia, a luz violeta-dourada, fulgurante no cérebro, empalidecia gradualmente, até desaparecer de todo, como se o representasse conjunto dos princípios superiores da personalidade, momentaneamente recolhidos a um único ponto, espraiando-se em seguida,

através de todos os escaninhos do organismo perispiritual, assegurando, deste modo, a coesão dos diferentes átomos das novas dimensões vibratórias.

O ESPÍRITO PAIRANDO NO AR, ACIMA DO CORPO FÍSICO



Obs: O instrutor deverá ler os capítulos XIII e XIV contidos no Livro “Obreiros da Vida Eterna”.

5. Casos de Ernesto Bozzano

“A crise da morte” - 6º caso

Extraio a seguinte mensagem de um precioso volumezinho de revelações transcendentais, devido à mediunidade da Sra. E. B. Duffey, intitulado: Heaven Revised. Seu valor pode ser deduzido do fato de que, em alguns anos, a obra atingiu a sua décima edição e foi recentemente publicada em forma popular, isto é, numa edição de enorme tiragem e a preço muito reduzido. A Sra. Duffey, que é de espírito muito cultivado, se tornou médium escrevente e escreveu as mensagens de que se trata, quando apenas havia pouco tempo que se interessava pelas pesquisas mediúnicas, quando, por conseguinte, ainda nada lera, ou muito pouco lera, sobre doutrinas espíritas. Convém insistir neste ponto, tanto mais quanto, nesta monografia, em que somente me ocupo com o grupo inicial das fases da vida de além-túmulo, não me será possível fazer ressaltar eficazmente o grande valor da circunstância de serem numerosos os médiuns que, como a Sra. Duffey, escreveram suas mensagens, quando mal acabavam de iniciar-se nas novas pesquisas e, às vezes, quando ainda tudo ignoravam sobre o assunto. Com efeito, entre os médiuns autores de mensagens transcendentais concordantes com as de outros, alguns se encontram, cuja mediunidade se revelou ao experimentarem escrever automaticamente, em obediência a conselho de terceiras pessoas. Tudo isto leva logicamente a deduzir-se que, se também os médiuns improvisados, embora tudo ignorando, escrevem mensagens que concordam admiravelmente com as outras, no tocante à descrição dos detalhes fundamentais, dos detalhes secundários, dos relevos substanciais do meio e da existência espirituais, não se pode explicar o fato, sem que se reconheça que tudo isso se produz, porque as personalidades que se comunicam são efetivamente Espíritos de mortos e que, portanto, tiram suas descrições e seus informes de um meio real, permanente, objetivo, comum a todos.

Depois deste preâmbulo, extenso mas necessário, passo à reprodução de algumas páginas da narração ditada pela personalidade que se comunicava e referente ao *processus* de sua desencarnação. Essa personalidade, no curso de sua existência terrestre, fora conhecida do médium. Era uma senhora distinta e de espírito muito culto, cujas opiniões foram, durante longo tempo, as de um livre-pensador, em matéria de religião, porém que se tornara espírita convencida nos últimos anos de sua vida. Eis o que ela escreve, falando de si mesma:

- Eu sabia que ia morrer, mas não temia a morte, não tremia a essa idéia. Desde muito tempo, os terrores da ortodoxia haviam perdido toda a eficácia para minha alma; sentia-me pronta a afrontar a inevitável crise com uma serenidade filosófica. Acrescentarei mesmo que havia alguma coisa de mais em meu estado de alma, pois que me dispunha a observar e analisar, com o interesse de uma pesquisadora, a lenta aproximação do grande momento. Não queria perder essa suprema ocasião de adquirir conhecimentos psicológicos que escapam às investigações da Ciência. Conservei-me, pois, como espectadora impassível dos lentos progressos da minha agonia, esperando poder comunicar mais tarde, aos assistentes, minhas observações e prestar assim um último serviço à humanidade: o de dissipar o terror que a hora fatal produz em toda a gente.

Parecia que o meio terrestre se afastava em torno de mim; sentia-me como que a flutuar fora do corpo, num desconhecido meio de existência. Não se deu comigo nada do que eu julgava dever experimentar durante a crise da morte. Assim, por exemplo, lera descrições interessantes acerca de uma espécie de “epílogo da morte”, que nasceria da mentalidade dos moribundos, em consequência do qual todos os acontecimentos de suas vidas lhes passariam diante da visão subjetiva. Nada disso se verificou comigo: não me sentia atraída nem pelo passado, nem pelo futuro. Um só pensamento e um só sentimento me dominavam a consciência: os das pessoas que eu amava e das quais me ia separar. Entretanto, jamais me considerara uma mulher excessivamente terna; levava minha razão a dominar todas as impulsões e todas as emoções. Julgo até que esse domínio de mim mesma exerceu influência muito favorável sobre o rendimento eficaz da atividade de minha vida. Contudo, nessa hora suprema, a afeição me pareceu o cúmulo e a substância de tudo o que há de apreciável na existência...

Esse estado de vigília atenta sobre a aproximação da morte acabou por me esgotar e, pouco a pouco, uma suave sonolência me invadiu. Era mesmo tão suave, de tal modo me repousava que, no curso desse período de semi-inconsciência, que precede ao estado de inconsciência total, eu refletia sobre o fato de somente duas vezes na minha existência haver experimentado sensação análoga de sonolência deliciosa...

Despertei, experimentando quase um sentimento de remorso, como acontece quando alguém se apercebe de ter dormido demais, além das conveniências sociais. Esse despertar me pareceu ainda mais doce do que o período que precedera o sono. Não cuidava de abrir os olhos, permanecia a gozar daquela sensação de paz e de serenidade, que em vão desejara tantas vezes, no correr da minha existência tão provada. Como era delicioso! Que perfeito era aquele sentimento de paz! Oh! Se ele pudesse durar eternamente! De toda sorte, sentia-me bem; o que me mostrava que, afinal de contas, ainda não estava a ponto de morrer. Teria então que me submeter de novo à antiga servidão, conhecer outra vez o aborrecimento, a inquietação da existência?

Súbito, ouvi algumas pessoas que conversavam à meia voz no quarto ao lado. Ouvindo, nitidamente, pela porta aberta, o que diziam, não lograva apanhar o sentido da conversação em que se achavam empenhadas. Porém, despertando mais, cheguei a perceber um dito que me prendeu a atenção, se bem não lhe ligasse muita importância. Eis a frase em questão:

- “Não duvido de que ela o fizesse com boa intenção; aliás, era tão excêntrica!”

A outra voz respondeu: - “Sim, muito excêntrica e também obstinada nos seus caprichos.”

A primeira replicou: - “Foi muito experimentada pela infelicidade, mas também cumpre se reconheça que foi quase sempre a causadora de seus próprios infortúnios. É o que acontece as mais das vezes.”

- “Sem dúvida. Por exemplo, sei perfeitamente...”

E seguiu-se a narrativa, grotescamente desfigurada, de alguns incidentes da minha vida.

Eu estava surpresa: falavam de mim e falavam empregando o verbo no imperfeito: “Ela era...” Que queriam dizer? Julgar-me-iam morta? Veio-me a idéia de que aquelas pessoas poderiam pensar mais tarde que eu fingia estar morta para lhes ouvir a conversação confidencial a meu respeito. Dei-me por isso

pressa em chamar uma das minhas amigas, para lhe certificar que eu ainda vivia e me sentia muito melhor... Elas, porém, não se aperceberam do meu chamado e continuaram a conversar sem se interromperem. Chamei de novo, em voz mais alta, porém sempre em vão. Sentia-me tão bem de corpo e de espírito, que me decidi a lhes interromper as imprudentes apreciações, apresentando-me diante delas no outro quarto... Mas... Que havia? Fiquei um instante presa de terror, ou de qualquer coisa semelhante. Que manequim era aquele que alguém deitara na minha cama, onde, entretanto, eu deveria estar, muito gravemente enferma, o qual jazia rígido em meu lugar e com o rosto lívido, absolutamente idêntico a um cadáver no leito de morte? Eu o via de perfil; tinha os braços cruzados sobre o peito, as pernas rigidamente estendidas, as pontas dos pés viradas para cima. Sobre ele, um pano branco se achava desdobrado. Mas, coisa estranha! Eu o distinguia igualmente debaixo do pano e reconhecia naquele manequim os meus traços! Meu Deus! Estava então realmente morta? Enorme sensação me assaltou, que parecia abalar-me no mais profundo da alma. Só então foi que todo o meu passado emergiu de um jacto e me invadiu, como grande onda, a consciência. Tudo o que me haviam ensinado, tudo o que eu temera, tudo o que esperava com relação à grande passagem da morte e à existência espiritual se apresentou ao meu espírito com indescritível nitidez. Foi um momento solene e aterrador; porém, a sensação de terror se desvaneceu logo e só a solenidade grandiosa do acontecimento permaneceu...

De todo modo, no mundo dos Espíritos, como no dos vivos, o sublime acotovela não raro o ridículo, de maneira tão imediata, que basta dar-se um passo à frente, para se cair do solene no divertido, da dor na alegria, do desespero na esperança. Foi o que se produziu na minha primeira experiência em o mundo espiritual. Com efeito, não podendo prender a língua àquelas mulheres enredadeiras e maldizentes, tive que me resignar a ouvir todo o mal que diziam de mim. Assim foi que, pela primeira vez, tive que me contemplar a mim mesma, à claridade da luz em que me viam outros. Pois bem! A lição me foi instrutiva, embora houvesse eu transposto uma fronteira que tirava todo interesse aos acontecimentos mundanos. Aqueles conceitos maldizentes foram para mim comparáveis a um espelho convexo, colocado diante de minha visão espiritual, onde os defeitos do meu caráter eram exagerados e deformados do modo mais grotesco, pela convexidade do vidro que os refletia. Assim, a minha primeira lição espiritual recebi-a das minhas amigas vivas.

Logo que satisfizeram aos seus instintos de enredo, as duas mulheres se levantaram, para virem mais uma vez contemplar a fisionomia da amiga que lhes morrera e cujo caráter haviam anatomizado com tanta crueldade. Éramos três a contemplar aquele cadáver, conquanto uma das três fosse invisível para as outras. E, como estas não percebiam a minha presença, desinteressei-me delas, para me absorver na contemplação do corpo inanimado, que fora meu. Observava-lhe o pálido aspecto, demudado pelos sofrimentos, e com a minha mão invisível procurava afastar da fronte os cabelos brancos que a cobriam, enquanto uma inefável piedade me oprimia a alma, ao pensar na sorte daquele corpo velho, do qual me sentia separado para sempre...

Estava então morta? Que estranha sensação a de uma pessoa saber-se morta e se sentir exuberante de vida! Como os vivos compreendem mal o sentido desta palavra. Estar morto significa estar animado de uma vitalidade diferente e extraordinária, de que a humanidade não pode fazer idéia... Provavelmente, a morte se dera havia vinte e quatro horas: eu adormecera no mundo dos vivos e despertara no meio espiritual. Como é estranho! Só nesse momento foi que me lembrei, pela primeira vez, de que estava no meio espiritual. Até ali, meus pensamentos e minhas emoções se tinham conservado presos ao mundo dos vivos.

Mas, onde estavam os espíritos de tantas pessoas caras, que haviam transposto antes de mim a fronteira da morte? Esperava vê-las acorrendo a me darem as boas-vindas no limiar da morada celeste e a me servirem em seguida de conselheiros e guias. Não me preocupava o insulamento em que me achava e ainda menos me assustava; porém, experimentava um penoso sentimento de decepção e de desorientação. Em todo caso, esse estado da alma não durou mais que um instante. Apenas formulara em meu espírito aqueles pensamentos, vi dissolver-se e desaparecer o quarto em que me encontrava e tudo o que ele continha e me achei, não sei como, numa espécie de vasta planície... Era indescritível a beleza da paisagem. Bela também é a paisagem terrena, mas a celeste é muito mais maravilhosa... Caminhava; entretanto, coisa singular, meus pés não tocavam o solo. Deslizava sobre este, como sucede nos sonhos...

Mas, onde estavam aqueles a quem eu amara? Onde estavam tantos amigos mortos, aos quais tão ligada estivera na Terra? Por que esse estado de insulamento da minha nova existência? Não tinha consciência de haver manifestado de viva voz meus pensamentos; todavia, como se alguém me houvesse escutado e se apressasse em me atender, vi diante de mim dois mancebos, cuja radiosa beleza excedia a

tudo o que o espírito humano possa imaginar... Muitos anos antes, levava ao túmulo, com lágrimas de desesperada dor, dois filhinhos que adorava: um após outro. E muitas vezes, a chorar sobre as suas sepulturas, estendera os braços para a frente, como se contasse reavê-los à morte que mos arrebatara. Ó! Meus filhos! Meus filhos! Quanto os desejava!... Quando vi diante de mim aqueles mancebos radiosos, um instinto súbito e infalível me preveniu de que eles eram os meus filhinhos, que se haviam tornado adultos. Não hesitei um instante em os reconhecer. Estendi-lhes os braços, como fizera outrora na Terra, e dessa vez os apertei realmente ao peito! Ó! Meus filhos, meus filhos! Enfim tornei a encontrar-vos! Ó! Meus filhos, meus para sempre!...

COMENTÁRIO DE ERNESTO BOZZANNO:

É com real pesar que interrompo aqui a narrativa da entidade que se comunicava, narrativa que se torna de mais em mais interessante, quando se manifestam o pai e a mãe, os parentes, os amigos, assim como o “Espírito-guia” da defunta. Porém, não podendo reproduzir tudo, limito-me a transcrever mais uma passagem do diálogo em que se explica por que motivo a personalidade da defunta que se comunicava permaneceu algum tempo na solidão, em o mundo espiritual. Ela pergunta ao “Espírito-guia”:

- Por que fui condenada a passar de mundo a outro completamente só?

O Espírito-guia: - “Condenada” não é o termo, minha querida amiga. Não estavas só. Assim te parecia, mas, na realidade, eu velava ansiosamente por ti, com muitos outros Espíritos de parentes e de amigos, aguardando o momento em que nos fosse possível manifestar-nos a ti. Para muitas almas de mortos a passagem do mundo dos mortais para o dos imortais é um período de crise moral muito dolorosa; esses seres imploram a assistência imediata dos entes caros que os possam confortar e animar, até ao momento em que se hajam familiarizado com o novo meio. Tu, porém, não eras uma alma como tantas outras. No curso das vicissitudes mais críticas da vida, preferiste sempre agir sozinha; encerraste constantemente no fundo da alma teus pensamentos, tuas meditações, o fruto da tua experiência, mesmo tuas emoções. Soubeste, com uma firmeza de heroína, encarar de frente a morte. Ora, a um temperamento como o teu convinha que, no meio espiritual, se achasse num insulamento aparente, para melhor apreciar em seguida o valor da sociedade espiritual. Entretanto, desde que sentiste a necessidade de companhia e a desejava como o pensamento, imediatamente nos achamos em condições de responder ao teu chamado.

Estas explicações do “Espírito-guia” são teoricamente interessantes, porque constituem uma variante complementar de outra informação, que precedentemente discutimos e segundo a qual “os Espíritos inferiores” não poderiam perceber os superiores, dada a diferença existente na gradação das vibrações de seus respectivos “corpos etéreos” e, de maneira análoga, das vibrações de seus pensamentos. Mas, no caso que aqui consideramos, é preciso ver, antes de tudo, que razões de temperamento aconselharam o “Espírito-guia” da defunta a submetê-la a uma primeira experiência espiritual, consistente em lhe permitir conservar-se em condições de solidão temporária, no momento da desencarnação. Esta condição, aliás, se tornara possível, pelos sentimentos afetivos da morta, intensamente ligados ao meio onde ela vivera. Nesse estado, sua mentalidade, que ainda vibrava em uníssono com as vibrações específicas do meio terrestre, não chagava a perceber as vibrações infinitamente mais sutis do meio espiritual; por conseguinte, ela não percebia os Espíritos que se achavam ao seu redor. Porém, desde que o seu pensamento se voltou para as coisas espirituais e vibrou assim em uníssono com o meio espiritual, ela viu desaparecer diante de si o mundo em que vivera e se encontrou, como por encanto, no meio espiritual. Logo que dirigiu o pensamento para os seus mortos queridos, pô-los em situação de se lhe manifestarem; ou, melhor, ela se achou em condições de os distinguir, por haverem seu pensamento e seu “corpo etéreo” aprendido a vibrar em uníssono com o mundo espiritual.

Não será inútil repetir que, também neste caso, se notam algumas das concordâncias habituais. Assim, por exemplo, o detalhe infalível da morta ignorar que morreu e não ter a intuição da verdade, senão quando dá com o seu cadáver rígido no leito de morte. O mesmo se verifica com relação ao detalhe da “visão panorâmica” de todos os acontecimentos da sua vida, que desta vez se teria apresentado com atraso à visão subjetiva da defunta, mas que, todavia, não deixou de também a ela se lhe apresentar. Registram-se muitos casos em que a demora da prova ainda é mais considerável; parece, entretanto, que esta nunca deixa de se verificar. Assinalemos, enfim, outra circunstância: a de que a morta se achou em forma humana, no meio espiritual, onde andava, ou, antes, se transportava pairando a pequena distância do solo.

“A crise da morte” - 4º caso

Passemos agora a casos mais recentes. Começarei por um fato tirado da obra de Mrs. Jessie Platts: *The Witness*. Trata-se de uma coleção de comunicações mediúnicas muito interessantes, obtidas graças à mediunidade da própria Mrs. J. Platts, viúva do Rev. Charles Platts, que teve a infelicidade de perder seus dois filhos na grande guerra. As comunicações publicadas provêm do filho mais moço: Tiny, rapaz de 18 anos apenas, morto quando combatia na frente francesa, em abril de 1917, e que se comunicou psicograficamente, mercê da mediunidade improvisada de sua mãe, no ano seguinte, quando a guerra continuava mais terrível do que nunca. Forneceu provas diretas e indiretas de sua identidade pessoal. As diretas consistiam nisto: anunciava à sua mãe a entrada, no mundo espiritual, de outros espíritos de militares, mortos em combate naquele momento; depois de alguns dias, vinham efetivamente notícias oficiais da morte desses mesmos combatentes. Informara ele, a sua mãe, de que servia de simples instrumento transmissor de ensinamentos que lhe confiava um Espírito missionário, o qual, quando vivo, fora um eclesiástico de nome Padre Hilarion. Ora, Mrs. Platts ignorava que essa personagem houvesse realmente existido. Chegou a verificá-lo, documentando-se a respeito.

Isto dito, a fim de pôr em plena luz o valor das mensagens em questão, entro a referir a passagem que concerne à chegada do filho da Sra. Platts ao meio espiritual. Eis o que ele escreveu:

Os seres que vivem no meio terrestre muito têm que aprender acerca do estado que os espera depois da morte; quero dizer – do instante em que o Espírito se destaca do organismo corporal. É-me permitido falar-te disso rapidamente nesta mensagem. Começo por dizer que não haverá dois Espíritos desencarnados que tenham de passar pela mesma experiência a tal respeito. Entretanto, essas experiências variadas apresentam uma circunstância comum: é que todos os Espíritos imaginam a princípio estar ainda entre os vivos e os que atravessaram uma agonia de sofrimentos ficam profundamente surpreendidos de se acharem curados de súbito. Tal é a alegria que experimentam, que julgo ser essa a impressão mais forte que se possa sentir, depois da crise da morte. Quando morri, ou, mais exatamente, quando meu corpo morreu, eu me julgava mais vivo do que nunca e esperava receber ordem de um novo pulo para a frente. (Ao ser ferido pelo projétil que me matou, estávamos separados do nosso regimento e tentávamos, com grandes precauções, pôr-nos de novo em contato com ele.)

Algumas vezes, os Espíritos desencarnados, ao se acharem sós num meio desconhecido, são tomados de grande pavor; mas, isso só se dá com os que em vida foram profundamente egoístas e nunca dirigiram seu pensamento a Deus. Contudo, em chegando o momento, esses Espíritos são ajudados e animados, a sua vez, por seus “Espíritos-guias”, mas preciso lhes é, primeiro, adquirirem uma espiritualidade suficiente, para se acharem em condições de perceber os “Espíritos-guias”.

Quase todos os desencarnados passam por um período de sono reparador, que pode durar um dia ou dois, como pode durar semanas e meses; isto depende das circunstâncias em que morreram. No meu caso, eu fora morto de maneira fulminante, não sofrera, não passara por enfermidades exaurientes; apesar disso, porém, estive mergulhado no sono durante cerca de uma semana, porque, tendo sido súbita a minha morte, meu “corpo fluídico” fora bruscamente arrancado do “corpo somático”, com um contragolpe sensível sobre o primeiro.

Quando, entre os Espíritos recém-chegados, há os que se encontrem ligados por vivas afeições a outros Espíritos desencarnados algum tempo antes, estes últimos lhes acorrem ao encontro, antes que passem pela fase do sono reparador. Não se pode imaginar ventura maior do que a desses encontros no meio espiritual, após longas separações que pareciam definitivas. Se bem os Espíritos saibam que terão de separar-se ainda por certo tempo, não o lamentam, por estarem cientes de que estas separações já não serão quais as anteriores. E, quando os Espíritos recém-chegados despertam do sono reparador, seus “guias” intervêm, para informá-los do adestramento espiritual que a cada um se acha reservado.

COMENTÁRIO DE ERNESTO BOZZANNO:

A narração que precede é especialmente interessante, porque resume em duas páginas as modalidades essenciais em que se desenrola normalmente a crise da morte, para a grande maioria dos

vivos, modalidades que, no entanto, variam enormemente nos casos extremos de personalidades de vivos que desencarnam em condições muito evolucionadas, ou muito degradadas, de espiritualidade.

Assinalarei também a concordância habitual, relativa ao detalhe fundamental dos Espíritos desencarnados que não sabem já terem morrido, concordância que se renova invariavelmente (salvo alguns casos que confirmam a regra) desde o despontar do movimento espiritual e que é teoricamente muito notável, dada a sua singularidade, que exclui a hipótese dos “romances subliminais”. Com efeito, não se pode admitir que uma personificação subconsciente, derivação absoluta do consciente, forje informações que contrastem inteiramente com o que a esse respeito julgue a consciência normal. Não se poderia admitir tampouco que centenas de personalidades mistificadoras desta espécie se encontrem acordes fortuitamente na invenção das mesmas informações fantasistas, contrárias às vistas da razão humana. Pois que se obtêm, mediunicamente, tantos detalhes concordantes, acerca de circunstâncias que parecem inverossímeis à mentalidade dos vivos, e, pois que esses detalhes são obtidos por intermédio de sensitivos que não podiam imaginá-los conscientemente e que ignoravam que revelações análogas haviam sido consignadas por outros experimentadores, logicamente se deve daí inferir que só uma explicação pode existir para o fato: a de que os detalhes ministrados pelas personalidades espirituais concordam entre si, porque provêm de uma causa única: a observação direta. Em outros termos: se todas as personalidades mediúnicas descrevem as mesmas condições de meio espiritual, com os mesmos detalhes, fundamentais e secundários, e com os mesmos relevos de fundo, isso demonstra que as condições de meio assim descritas são autenticamente espirituais, ao mesmo tempo que objetivas, permanentes, reais, absolutamente reais.

Outro detalhe fundamental, inteiramente concordante em todas as revelações transcendentais, é o que se refere às fases de sono reparador, a que estariam sujeitos todos os Espíritos recém-chegados ao mundo espiritual. Todas combinam, até na indicação das causas que tornariam necessário esse período de repouso absoluto do Espírito.

Notarei ainda que as revelações concordam todas, admiravelmente, acerca de outro detalhe secundário, contido nessa mesma mensagem e, precisamente, no trecho onde se alude ao insulamento em que se achariam os Espíritos que, durante a vida terrena, se mostraram profundamente egoístas, insulamento determinado pela imperfeição, neles, da faculdade de percepção espiritual, imperfeição seria uma consequência inevitável do estado rudimentar em que se lhes encontra a espiritualidade. Seguir-se-ia que este insulamento não poderia ter fim senão quando os Espíritos hajam adquirido uma espiritualidade suficiente para estarem em condições de perceber a presença de “Espíritos-guias”. Este último dado, posto incidentemente na mensagem com que nos ocupamos, é teoricamente importante, pois concorda com todos os ensinamentos ministrados a tal respeito por numerosas outras personalidades mediúnicas, que nos ensinam que os Espíritos inferiores não podem perceber os que pertencem às hierarquias superiores. Repito que as concordâncias, referentes aos detalhes secundários, são sempre teóricas e progressivamente mais importantes à medida que os detalhes parecem de natureza mais vulgar ou mais estranha. São esses detalhes que provocam a maior surpresa no investigador que trata de comparar entre si as diversas coleções de revelações transcendentais.

Finalmente, importa não esquecer o que o Espírito, de quem vem a mensagem, afirmou primeiramente – sempre de perfeito acordo com os outros – isto é, que não há duas personalidades espirituais que tenham de atravessar as mesmas experiências, após a crise da morte. Esta afirmação é absolutamente racional. Com efeito, se no mundo dos vivos não pode haver duas individualidades que pensem absolutamente da mesma maneira; se, pela “lei de afinidade”, todo Espírito gravita no plano espiritual que lhe é próprio; e se o pensamento de cada Espírito cria o seu meio objetivo e subjetivo, é certo que não pode haver duas personalidades desencarnadas que devam passar pelas mesmas vicissitudes espirituais. Daí resulta que o ensino de que se trata explica perfeitamente muitas pretendidas contradições das revelações transcendentais, que cumpre se atribuam à variedade infinita dos temperamentos individuais, combinados com os diferentes graus de evolução alcançados no meio terrestre por cada personalidade humana.

Termino, lembrando que Mrs. Jessie Platts foi levada a cogitar de pesquisas mediúnicas e a tentar escrever automaticamente, pela morte de seus dois filhos na guerra. Ela, pois, nada conhecia – ou muito pouco – das doutrinas espíritas e tudo ignorava acerca do conteúdo das outras coleções de revelações transcendentais.

CONCLUSÕES DE ERNESTO BOZZANNO:

Estes são os doze detalhes fundamentais, sobre que se acham de acordo todos os Espíritos que se comunicam:

- 1º - Todos afirmam se terem encontrado novamente com a forma humana, nessa existência;
- 2º - Terem ignorado, durante algum tempo, que estavam mortos;
- 3º - Haverem passado, no curso da crise pré-agônica, ou pouco depois, pela prova da reminiscência sintética de todos os acontecimentos de existência que se lhes acabava (“visão panorâmica” ou “epílogo da morte”);
- 4º - Terem sido acolhidos no mundo espiritual pelos Espíritos das pessoas de suas famílias e de seus amigos mortos;
- 5º - Haverem passado, quase todos, por uma fase mais ou menos longa de “sono reparador”;
- 6º - Terem-se achado num meio espiritual radioso e maravilhoso (no caso de mortos moralmente normais), e num meio tenebroso e opressivo (no caso de mortos moralmente depravados);
- 7º - Terem reconhecido que o meio espiritual era um novo mundo objetivo, substancial, real, análogo ao meio terrestre espiritualizado;
- 8º - Haverem aprendido que isso era devido ao fato de que, no mundo espiritual, o pensamento constitui uma força criadora, por meio da qual todo espírito existente no “plano astral” pode reproduzir em torno de si o meio de suas recordações;
- 9º - Não terem tardado a saber que a transmissão do pensamento é a forma da linguagem espiritual, se bem certos Espíritos recém-chegados se iludam e julguem conversar por meio da palavra;
- 10º - Terem verificado que, graças à faculdade da visão espiritual, se achavam em estado de perceber os objetos de um lado e outro, pelo seu interior e através deles;
- 11º - Haverem comprovado que os Espíritos se podem transferir temporariamente de um lugar para outro, ainda que muito distante, por efeito apenas de um ato da vontade, o que não impede também possam passear no meio espiritual, ou voejar a alguma distância do solo;
- 12º - Terem aprendido que os Espíritos dos mortos gravitam fatalmente e automaticamente para a esfera espiritual que lhes convém, por virtude da “lei de afinidade”.